Alguma coisa de errado está acontecendo no Sindicato Rural.
Página 18

D. Marieta conta histórias incríveis do passado de Foz do Iguaçu.
Página 6 e 7

85 CRIANÇAS MORRERAM DE FOME EM FOZ

Página 9

ESTADO DO PARANÁ

Menotti F. Cademartori

Oficial Vitalício do Registro Civil e Títulos e Documentos

CARTÓRIO: Rua Benjamin Constant, 108 — Fone (0455) 74-2018 — Foz do Iguaçu — Pr.

Foz do Iguaçu, 08 de janeiro de 1981.

À EDITORA NOSSO TEMPO LTDA.-
Rua Cândido Ferreira nº 811
Nesta cidade:-

Pela presente e conforme pedido verbal por parte interessada desta "EDITORA", encaminhamos à V. Sª., os fatos vitais ocorridos neste Município durante o Ano - de 1.980. Conforme discriminação abaixo.

Número de Natimortos..... 118
Número de Obitos menos de 1 ano de idade.... 244
Número de Obitos por Desnutrição..... 85
TOTAL de Obitos por todas as Causas....,. 1.017

Sem mais subscrevemo-nos atenciosamente

MENOTTI F. CADEMARTORI
OFICIAL DO REGISTRO CIVIL TITULOS E DOCUMENTOS.-

Centro de Convenções vai mesmo sair. Leia detalhes nas páginas 10 e 11

Nosso tempo

CR$ 20

Foz do Iguaçu, 14/01/81 — Nº 6 – Ano I

Autoridades precisam se preocupar mais com a população da periferia

As reais necessidades de Foz do Iguaçu

As necessidades de Foz do Iguaçu, apesar das grandes coisas feitas nos últimos anos, são muitas. As pessoas preocupadas com essas necessidades a nível coletivo são poucas, mas esforçadas. O fato não constitui nenhuma raridade. Em todos os lugares e sempre é assim. Aqui, talvez, o descompromisso com a coletividade seja mais acentuado. Os problemas são múltiplos, os projetos também. Os poucos que se ocupam deles não conseguem abarcar tudo. Seria mesmo impossível.

Foz do Iguaçu mergulha em estertores sempre que pensa na era pós-construção da hidrelétrica de Itaipu, como se antes dela não existisse uma perspectiva de futuro animadora; há uma ansiedade quanto a um melhor aproveitamento do potencial turístico do município; pensa-se em industrializar o município sem saber como; buscam-se facilidades para o comércio exterior e acrescenta-se a expectativa de implantar a comodidade de uma zona de livre comércio; não faltam os que identificam como problema fundamental a ausência de democracia onde sequer se elege o prefeito; enquanto a infraestrutura urbanística do centro da cidade é motivo para certo orgulho, os bairros periféricos continuam envergonhando a todos; culturalmente a cidade está tão atrasada que é impossível identificar preocupações notórias no setor; o esquema de segurança é tão forte e amplo que a população vive com medo dos órgãos de segurança igual ao que tem em relação aos criminosos e marginais.

Essas indicações podem resumir os pontos básicos das preocupações das chamadas lideranças da comunidade, embora nem todos sejam distinguidos com adequado empenho.

O que mais está agitando a cidade é o projeto de construção de um centro de convenções, de uma ponte ligando o Brasil à Argentina e alguns problemas relacionados com mecanismos burocráticos e monetários do comércio exterior. Não faltam também dedicações voltadas para outros setores sobre os quais paira uma ansiedade menor.

Pois, no meio de tudo o que mobiliza a sociedade — se é realmente a sociedade que está em ação e não apenas uma minoria — importa perguntar se os temas elevados à categoria prioritária merecem tal tratamento.

Um análise dos problemas da municipalidade permite ver que os empreendimentos são escolhidos mais por livre-atiradores movidos à luz do empirismo do que por sábios embasados em estudos competentes a respeito das reais necessidades de um projeto de desenvolvimento global, permanente e humano.

Tome-se a Ponte Brasil/Argentina e o Centro de Convenções. Serão estes os projetos que resolverão os problemas mais sérios de Foz do Iguaçu? Quem são os mais necessitados do município e quais são suas necessidades maiores — a Ponte, e o Centro de Convenções? A Ponte e o Centro vão atender aos interesses de quem tem necessidades básicas de vida ou àqueles que pouco ou nada mais precisam para levarem um vida digna?

A ninguém mais passa despercebido que a maioria da população de Foz do Iguaçu, como é em termos nacionais, é pobre ou miserável, passa fome, tem péssimas condições de moradia, carece de elementares tratamentos de saúde, higiene e profilaxia, está entrege a um atendimento educacional abaixo da crítica, enfrenta as mais árduas dificuldades com sua locomoção, etc., etc.

O que se vê no meio de tanta tristeza, sofrimento e vergonha é que tais problemas — indiscutivelmente os mais graves — merecem atenções desprezíveis se comparadas às que se dispensam às necessidades mais supérfluas e elitistas.

Quem seria capaz de se posicionar contra a construção de Itaipu, do Centro de Convenções e da Ponte Brasil/Argentina sem correr o perigo de ser excomungado ou linchado de Foz do Iguaçu como um inimigo do progresso?

Não se trata se ser contra isso ou aquilo. Tudo parece bom e necessário, apesar de certos métodos condenáveis. Trata-se, antes e acima de tudo, de uma maior coerência. Pode-se ser a favor de quantas pontes e usinas se quiser, desde que as pontes e as usinas não façam esquecer o povo, que está dramaticamente necessitado.

Para sentir como o povo pobre — a maioria, portanto — não recebe as devidas atenções, basta considerar que para as obras de melhoria do centro da cidade o Governo Federal não hesitou em despejar aqui vultosas verbas a fundo perdido, mas o mesmo não acontece quando é um Rincão São Francisco que precisa de asfalto, luz, água, esgoto e tudo mais.

E aqui vale recordar uma frase arrasadora proferida em Foz do Iguaçu no ano passado pelo cientista Albert Sabin: Um país capaz de construir uma obra como Itaipu deve também ser capaz de resolver os problemas da sua grande massa humana que vive na miséria.

Às obras, lideranças da comunidade!

— Os Editores.

EDITORA NOSSO TEMPO
CGC - 75.088427/001 - 92
Rua Cândido Ferreira, 811,
Vila Iolanda
(85890) Foz do Iguaçu - Pr.
Telefone: (0442) 74-2344
Sócios proprietários
Evandro Stelle Teixeira
Eloy Adail Brandt
José Cláudio Rorato
José Leopoldino Neto
Jessé Vidigal
João Adelino de Souza
Juvêncio Mazzarollo
Severino Sacomori
Sérgio Spada
Sócio-gerente:
José Claudio Rorato

Nosso tempo

Editores:
João Adelino de Souza
Aluízio Ferreira Palmar
Juvêncio Mazzarollo
Diagramação:
Jessé Vidigal
Colaboradores:
Rainildes da Silva
Antônio Vanderli Moreira
Moacyr de Souza
Álvaro Siqueira Martins
Representante em Curitiba:
G. Cadamuro, Praça Zacarias, 80
7° andar conj.708. Fone: 23-9524
Composição:
Editora Nosso Tempo
Impressão:
J. S. Impressora Ltda.
Rua 6, Jardim Maria
de Fátima - Cascavel - Pr.

Chegou a vez dos leitores: escrevam e nós publicaremos.

psiu

Incentivo ao crime e aos criminosos

O incentivo ao crime e a proteção aos criminosos continua por conta de outras entidades e pessoas, menos do Nosso Tempo. Rá!

Linha de ônibus necessária

Em 79 o Conselho Municipal de Transportes havia criado uma linha de ônibus para o percurso que vai do Profilurb ao Posto de Saúde. A finalidade era evitar que aquela população pobre precisasse pegar dois ônibus para ir até o Centro de Saúde. A Prefeitura, porém, embargou o projeto e os moradores do Profilurb, os maiores frequentadores do Centro de Saúde, continuam tendo que tomar dois ônibus, gastando o que não podem para irem em busca de alguma vacina ou charope.

Essa linha precisa ser inplantada já.

Outra linha de ônibus

Essa questão de linha de ônibus prá cá, linha de ônibus prá lá, foi trazida pelo Severino Sacomori. Ele contou que quando estava no Conselho Municipal de Transportes também fora aprovada uma linha que partisse do Jardim América e fosse até o Hotel Panorama para transportar os inúmeros funcionários dos hotéis espalhados ao longo da Rodovia das Cataratas. Eles precisam tomar o ônibus que vai até o Aeroporto e têm que pagar uma passagem quase o dobro mais cara que a das outras linhas.

Não é só o Centro de Convenções que poderá melhorar o turismo de Foz do Iguaçu. Uma ajuda aos humildes funcionários dos hotéis e restaurantes também será um impulso à Turiscap. Vamos a isso?

Estamos com tudo

Recebemos aqui na redação uma comunicação de uma alta autoridade ligada ao Ministério da Justiça dizendo que recebeu os exemplares do jornal Nosso Tempo. Referindo-se às torturas e atrocidades cometidas pela polícia em Foz do Iguaçu, denunciadas por este jornal, aquela autoridade disse que "esse comportamento da Polícia é inadmissível". Garantiu-nos que as autoridades do Ministério e da Secretária da Justiça do Estado ficarão alertas e, ao menor sinal de repetição dessas lamentáveis ocorrências, tomarão medidas enérgicas contra os responsáveis.

Coragem, portanto. Ao menor tapa desferido por um policial, estas páginas continuam à disposição do povo, com o apoio dos altos escalões governamentais.

CHOPP CENTER

RESTAURANTE E CHOPARIA

ONDE VOCÊ
TOMA O MELHOR
CHOPE DA CIDADE

RUA SANTOS DUMONT – 1084 – TEL. 74-2563

leitores

Poucos leitores escrevem para o jornal. Vão se mexendo ai! Quem escrever vai ter o texto publicado com os erros, as bobagens e também as coisas boas que aparecem. Olha só que jóias da moderna literatura recebemos para esta edição:

Retrato de decadencia

Ao longo de 1980, muitos alunos de um certo estabelecimento de ensino desta cidade, provaram a incapacidade de vários professores, que intitulados profundos conhecedores da disciplina que lhes foi conferida no início das aulas, não passaram de principiantes onde exige-se muito conhecimento, respeito aos alunos não e interesse em ensinar, pois os alunos não podem perder tempo frequentando um colégio com falsos magistrados ou alcolatras. Professores estes que só sabem que 2 + 2 não é cinco, mas não tem corragem afirmar isso, falam porque ouviram de outros.

Como se não bastasse a incapacidade dos professores atuais, a falta constante de professores de determinada matéria, também foi vista neste badalado palco de incompreensões, graves e irresponsabilidades vividas pelos frequentadores do colégio Monsenhor Guilherme de Foz do Iguaçu.

Alguns menstres da sabedoria começaram as aulas falando de filosofias de Socrates, Demostenes e outros e terminara mais perdidos que cego em tiroteio.

Devido a falta de programação e distribuição das aulas, os sacos de pancadas (alunos) tiveram que se sujeitar com aulas aos sábados e domingo de manhã. Prova da falta de programação é o pequeno nº de aulas das matérias básicas do curso. Não dando assim a formação necessária.

O atendimento ao público é feito por secretárias imcompetentes, sem nenhum interesse em estimular o aluno, ou pelo menos dar as informações de que tem direito.

É uma barbaridade as provas aplicadas por alguns professores, deveriam ser para recem-nascidos.

Em se tratando de esportes, é uma calamidade pública. As duas imagens de quadras existentes, se juntarmos não dá meia quadra decente.

Gostaria muito de me identificar, mas tenho vergonha de dizer que conheci este colégio.

Remetente: C. R. D. E.
R. Naipi s/n.
Foz do Iguaçu – Pr.

Altas autoridades sabem disso...

Tem um juiz em Foz (João Kopytowky) que escudado num diploma obtido não se sabe como na Escola Superior de Guerra, comete as maiores arbitrariedades tendo várias representações contra si trancadas inexplicàvelmente no Tribunal de Justiça de Curitiba.

Será que as altas autoridades militares do Exército sabem disso...

Seria interesante uma nota a respeito.

Remetente: R. S. S.
Rua Jupira, 345
Foz do Iguaçu, Pr.

Moradores pedem mais segurança

PEDIMOS AS AUTORIDADES DE FOZ DO IGUAÇU PELA CERTEZA QUE TEMOS CONFIANÇA EM NOÇAS AUTORIDADES DE DIVIZÕES PUBLICAS.
os moradores do bairro saõ francisco pedimos um pouco mais de segurança em nossas ruas no horario das 8horas da noite as 3horas da manha por que os ladroês e os assaltantes estaõ de mais en nosso bairro tanta maloca de treis quatro pessoas juntos tem mais de 30 marjinal andando de apé e de carros sempre andam numa boa pinta tem adulto e menor tambem praticando assalto prostetutas junto tanbem praticando assalto as pessoas dizem naõ correm por que somos da policia ja saem do carro atirando carros sem placas de pois de poucos minutos ja aparesem com placas pedimos nos moradores deste bairro saõ framcisco jumtamente a diretotia do esporte clube pacaembu teremos serteza em nossas autoridades de foz do iguaçu, que ja mais deicharaõ nos sem soluçaõ.
eu valdir luiz morador de foz do iguaçu mais de dez anos digo que numca vi tanta coisa igual tenho visto e ouvido falar depois de treis anos para ca sóo minha casa ja foi assaltada duas vezes grassas a deus naõ arrombaro as portas dos quartos mais o restante viraraõ de perna para sima eu dormindo naõ acreditava qeu o ladraõ entrasse na minha casa por que tenho o sono muito leve mais durmi tanto eu e minha familia qe foi preciso o meu vizinho me acordar:

Presidente Esporte Pacaembu
Valdir Luiz
ASSINA A DIRETORIA DO
ESPORTE CLUBE PACAEMBU

Fundepar pede "Nosso Tempo"

Prezados Senhores:

Valemo-nos do presente para solicitar o comparecimento de Vossas Senhorias ou de um representante, junto a esta Assessoria, a fim de que possamos tratar de assunto referente à assinatura desse jornal.

Certos do pronto atendimento, que é peculiar a Vossas Senhorias, antecipadamente agradecemos e firmamo-nos

Atenciosamente
Curitiba, 30 de dezembro de 1980.
SENIVAL SILVA
Assessor de Comunicação Social da FUNDEPAR.

CHEGOU A HORA.
ENTRE NO CONSÓRCIO ARAUCÁRIA
E MUDE PARA O
CORCELII A ÁLCOOL.

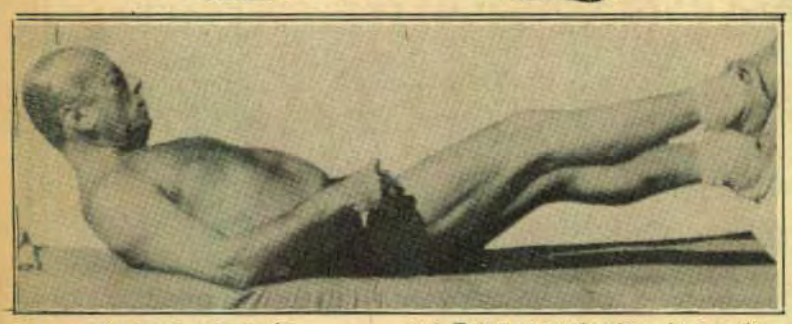
40 MESES

2º GRUPO

Olsen

Medianeira:
Rua Argentina, 2381 - Fone: 64-2127 e 64-2277
Foz do Iguaçu:
Av. Rep. Argentina, 530/544 - Fone: 73-1422

Tércio aponta os candidatos a governador: Cunha Vianna e Jucundino Furtado



Esse não levanta mais.

Itaipu e as orgias de sempre

Na última semana o general presidente da Itaipu, José Costa Cavalcanti, completou 63 aninhos — fartamente vividos e m o r d o m i c a m e n t e comemorados. Ele veio passar a data junto à menininha de seus olhos. Ficou em Foz três dias mergulhado em glutonices e fanfarronadas burguesas pagas com dinheiro do povo, porque a Itaipu paga orgias e luxos com dinheiro destinado à obra.

Repetindo Millôr Fernandes: "Ou todos se locupletam ou restaure-se a moralidade"

General dá presentinho á APAE

Em meio aos banquetes e palmadelas puxa-saco, Costa Cavalcanti fez um gesto de generosidade extraordinário em sua festa de aniversário. Seus empregados em São Paulo fizeram uma "vaquinha" para dar um presente ao chefão. Cavalcanti reverteu o presente em doação à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Foz do Iguaçu. Uma importância de uns 20 mil barões. Que coisa, hem!

Só que com 20 mil os generais não conseguem passar um dia em sua vida. Realmente, é generosidade extremada essa doação.

Republica Argentina é calamitosa

Já faz um século... Não, não é um século, mas faz uns dois anos que a Prefeitura vem prometendo asfaltar a Av. Republica Argentina dentro dos próximos meses, e a obra não sai. Talvez aquela via seja a mais movimentada de Foz do Iguaçu depois da Av. Brasil e a Juscelino Kubitscheck. Às margens daquela avenida, que dá para o Rincão São Francisco, existe um asfalto onde as crianças internadas vivem do pó e barro levantados pelo intenso tráfego.

Vão pará de fazer promessas e começar logo esse asfalto aí ou esperam o quê? Arruma mais um Prodopar prá pobreza, pessoal da Prefeitura.

Piadinhas

● O homem desmunhecava mais que Clóvis Bornay. Certo dia (por que será que todas piadas têm um certo dia?) encontrou um jovem que era a perfeita figura do machão. O camarada pensou: é dele que eu preciso! E foi chegando prá pertinho.

— Moçu! Moçu! (com aquele jeitão, sabe?) Vamos fazer um trato . Eu te faço uma pergunta. Se você acertar eu te dou e se você errar eu te faço.

— Combinado, disse o rapaz.

— Então lá vai a pergunta: como é o nome de uma ave que todas as manhãs sobe em cima de alguma coisa, bate as asas e canta assim: ki-ki-ri-ki-kiiiiiiii?

— É um jacaré, disse o deslumbrado.

E o outro:

—Acertou.

● Dois irmãos gêmeos se formaram médicos. Chegaram na cidade de procedência e encontraram um homem mancando. O mais novo (aquele que nasceu primeiro) disse para o mais velho:

— Vamos ver quem de nós aprendeu melhor na faculdade?

— Como?, disse o mais velho.

— Simples. Tá vendo aquele cidadão que vem mancando? Eu aposto que sei qual é causa, e você?

— Eu também sei, ele sofreu um tombo e fraturou a perna.

— Pois eu aposto que é de nascência.

Para tirar as dúvidas,chegaram para perto do home e explicaram tudo. O sujeito, meio envergonhado,respondeu:

— Pois nos enganamos os três. Eu fui dar um pum e sujei as calças.

Proibido fumar nos coletivos

Pela Lei Municipal 1067 está proibido o uso de cigarros nos coletivos que fazem as linhas urbanas em Foz do Iguaçu. Uma medida muito boa, sem dúvida, pois ninguém é obrigado a engolir fumaça de cigarros, charutos, pacaus e outras coisitas más. O que não se pode admitir é que a lei não está sendo observada rigorosamente. Ô, seu dotô coroné: manda os fiscais se mexer e fazer com que a lei seja cumprida.

O que Reagan vai fazer

O Carter mandou um recado para os aiatolás do Irã: Se até o dia 16 não resolverem o problema dos reféns eu entrego a questão pro Reagan. Vem bomba por aí. Podem estar certos.

Cunha Vianna vai ser governador

Pelo menos o deputado Tércio Albuquerque pensa assim. Ele mandou "release" aqui para a redação do jornal falando sobre os possíveis candidatos a governador do estado em 82. Vejam: Nortom Macedo, Paulo Pimentel, Reinold Stephanes, Octávio Cezário, Saul Raiz, Antonio Belinatti, Fabiano Braga Cortes, Mário Stadler de Souza, **Clóvis Cunha Vianna...** No finalzinho, depois que o"release"estava impresso foi acrescentado o nome de Jucundino Furtado (Rá, rá).

Fuuuuuuuuuíiiiiiiiii

Responda depressa: Qual destes dois é o Wadis Benvenutti e qual é o Vito Miracapillo?

Brizola virá a Foz

O presidente do Partido Democrático Trabalhista (PDT), Leonel Brizola, estará em Foz no mês de março. Vem para fazer uma série reuniões dentro do plano de contato mais íntimo do líder do trabalhismo democrático com o povo. Fará um ano em março que Brizola esteve em Foz, quando fez um comício no Oeste Paraná Clube. Naquela ocaião mais de duas mil pessoas estiveram no Oeste, mas mesmo assim os trabalhistas de Foz não gostaram do resultado, pois não

PRECISO URGENTE
ÓTIMO SALÁRIO
Importante empresa paraguaia com silos em Presidente Stroessner e Encarnación oferece vaga para comprador de soja experto em análise de grãos, especialmente soja, milho, algodão e girassol. Enviar "curriculum vitae" com antecedência para rua Caigangues, 180 — COHAPAR 1 — Fone 73-1401.

Peças para Mercedez Benz - Ford Chevrolet - Dodge - Opala Chevete - Corcel e Wolkswagen
AUTO PEÇAS MARCELO LTDA.
BR. 277 - No. 1033 Fone: 73-2531

SILVA MÁQUINAS
Ventiladores de teto e mesa, móveis e eletrodomésticos, máquinas e equipamentos para escritório.
Crediário sem juros e sem avalista.
Av. Brasil, 349 - Fone 73-1992 Foz do Iguaçu

Mundo dos Esportes
Somando para a divulgação do esporte
AS GRANDES MARCAS
Penalty
Rainha
Atleta
Adidas
Campeã
Rua rebouças, 748

Campeões em tortura/ Brizola em Foz do Iguaçu/ Duas mortes por minuto

souberam aproveitar a oportunidade para dar organicidade aos petebas da city.

Duas mortes por minuto

No Brasil morrem 119 crianças por hora, quase 2 crianças por minuto. Resta saber quantos dólares saem do Brasil por minuto na qualidade de serviços da dívida externa, lucros das multinacionais e royaltis.

Até o diabo teria medo

O filme de terror que passou sexta-feira no Cine Iguaçu foi de assustar até o demônio. "Sexta-feira 13" começou quando uma jovem pega carona para ir trabalhar como cozinheira numa colônia de férias. Quando o motorista do jipe passa do local onde Anie ficaria a garota fica com medo, salta do carro e entra no bosque. O motorista pára o jipe e sai em sua perseguição. De dentro do bosque se escuta um grito aterrador. O desenrolar da história foi perfeito para quem tem nervos de aço.

Se você perdeu esse filme, não se preocupe. Ultimamente o Cine Iguaçu tem exibido ótimos filmes. Hoje, por exemplo, entra em cartaz "Eu estou com medo," e a partir do dia 16 "Aeroporto 80 — o Concorde", da famosa série Aeroporto. Um elenco da pesada: Alain Delon, Susan Blakley, Robert Wagner e a fofinha Silvya "Emanuelle" Kristel.

PS: Fique de olho e não deixe de ver "O Iluminado" em breve.

Todos são campeões

No mundialito de horrores patrocinados contra a humanidade, os campeões no Cone Sul da América estão no Uruguai, Chile, Brasil, Argentina e Paraguai. Quer dizer, todos esses países têm seleções de torturadores e matadores fardados capazes de competir com qualquer esquadrão da morte do mundo.

Corrida de cavalo em Foz

O negócio pode demorar, mas é certo. O prefeito Clóvis Cunha Vianna tomou a iniciativa

de formar um clube hípico em Foz do Iguaçu e está convocando todos (todos da grana, claro, porque este é um esporte muito caro) a participar de uma reunião a ser realizada no dia 27 deste mês, na sede da Associação Comercial. O estatuto, inclusive, já está pronto e será submetido à apreciação dos presentes. Durante a reunião poderá também ser eleita a primeira diretoria.

Para quem ainda não sabe, o prefeito, a exemplo de Figueiredo, é um aficcionado neste esporte. Mas não é só por esse motivo que ele tomou a iniciativa. É que com a fundação de um hipódromo, Foz do Iguaçu sediará competições internacionais, incrementando ainda mais o turismo. Uma boa idéia, sem dúvida.

Umas e outras

O Brasil Filho era o apresentador dos comícios do Túlio Vargas durante a campanha para senador. O cara falava mais que o homem da cobra. Um belo dia, num grade comício em São Miguel do Iguaçu, estavam presentes o governador Jayme Canet Júnior, mais uma carrada de políticos, e o Brasil Filho sai com esta.

— Minha gente, minha gente! Vocês precisam votar no Túlio Vargas. Fora da Arena não há salvação. É bem como disse hoje pela manhã o padre lá de Missal: Quem não votar na Arena, quando morrer vai para o fogo do inferno.

● Em Cafelândia, distrito de Cascavel, no ano de 1972 o sub-prefeito era o tal de Cristiano Maltezo. Durante a inauguração, o sub-prefeito faz um bombástico discurso. Lá pelas tantas ele berra, saindo babas pela boca:

— E não é **adevarde** que nóis fala **ansim**...

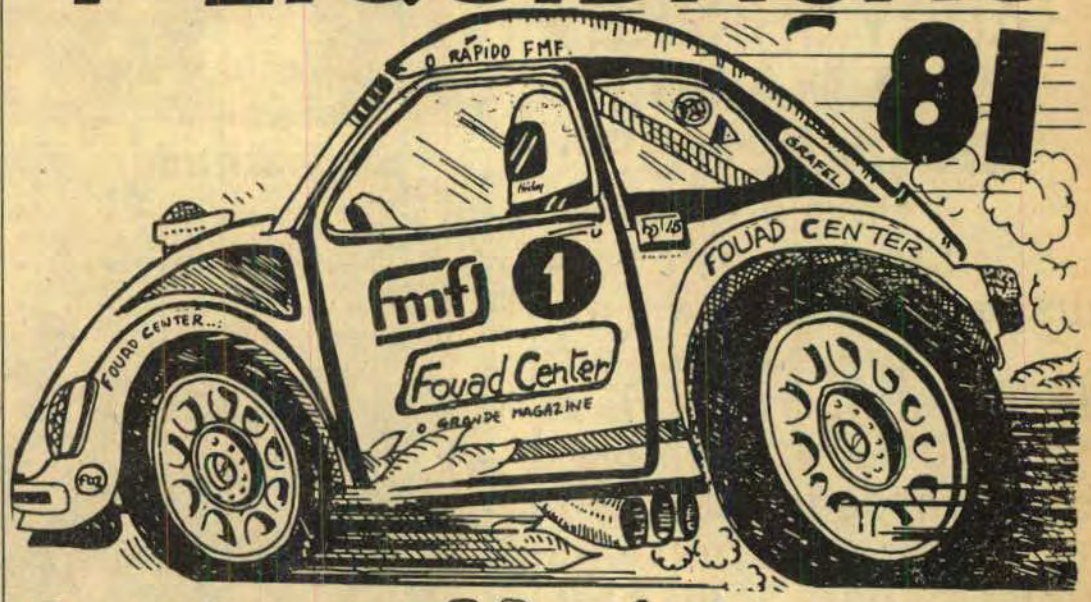
● Esta quem conta é o Adolpho Mariano da Costa: Durante o governo Médici (o pior presidente que o País já teve) foi a Medianeira o então ministro dos Transportes, Mário Andreazza. Durante uma inauguração, o Bogoni (primeiro fotógrafo que pintou em Medianeira) tentou bater uma fotografia do ministro. Acontece que Bogoni é meio ruim das vistas (como dizem por aí) e treme como vara verde. Onde ia o Andreazza, o Bogoni ia atrás empunhando a máquina e acompanhando os gestos do ministro. A máquina também era do tempo do êpa e a segurança do Andreazza (naquele tempo tinha mais agentes de segurança do que gente) pensando se tratar de alguma arma bateu a mão do homem. Não demorou muito para que todos soubessem que fotógrafo era inofensivo e o ministro até posou para fotografia. De qualquer forma o vexame tava dado.

Infanticídio Latino-americano

Não só de doenças e desnutrição morrem as crianças de nossa América Latina (ou Latrina das multinacionais), mas também morrem vítimas da repressão política das ditaduras. A revista "Clamor", editada pelo Comitê de Defesa dos Direitos Humanos para os países do Cone Sul, denuncia que só na Argentina, Chile, Uruguai há 164 menores desaparecidos por motivos políticos. As idades das crianças desaparecidas variam de quatro dias a treze anos, sendo que até um casal de gêmeos está entre as vítimas das ditaduras. A revista denuncia também que 87 mulheres foram presas em estado de gestação e estão desaparecidas. No editorial, Clamor afirma que "milhares de homens e mulheres lotam os cárceres dos países do Cone Sul, vivendo em condições subumanas, toda sorte de medidas é posta em prática com o propósito de destruí-los psicológicamente e transformá-los em farrapos humanos". A revista relembra que entre setembro de 1973 e fevereiro de 1980, 13 brasileiros desapareceram na Argentina. Até quando vamos assistir passivamente a estes fatos dolorosos nesta América dominada por vampiros fardados?

Fouad Center

SAI NA FRENTE COM A 1ª LIQUIDAÇÃO 81



COMPROVE Você Mesmo!

Se você ainda não visitou a 1ª liquidação/81 Fouad Center, está na hora de você mesmo comprovar ofertas como estas:

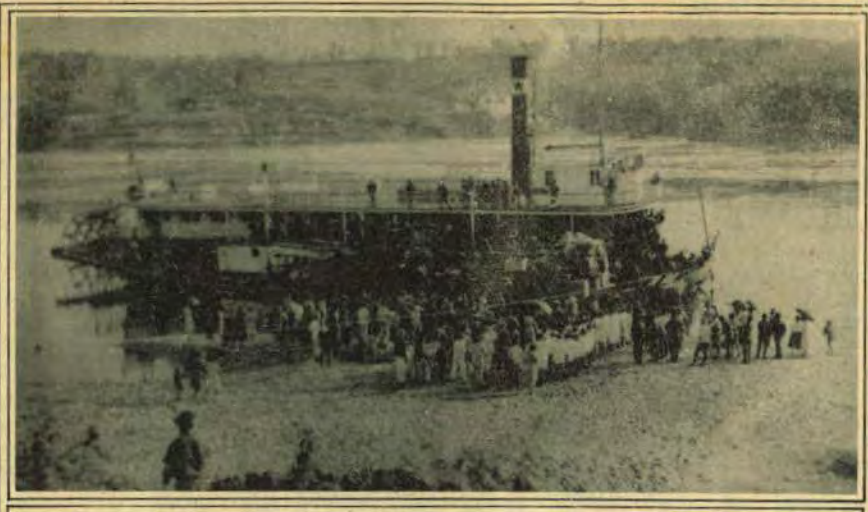
Calças Us Top	CrS 780,00
Biquinis de lycra Triumph	CrS 390,00
Toalha de rosto Santista	CrS 99,00
Fita K-7 Philips	CrS 90,00

Fouad Center, "o maior centro de compras da cidade".

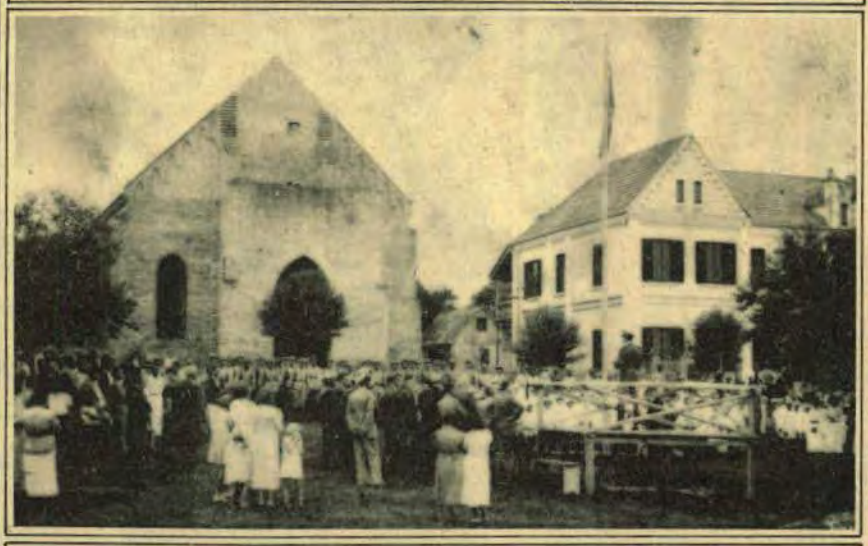
"Jorge Schimmelpfeng, prefeito na época, formou um grupo teatral"

HARRY SHINKE E SUA MÁQUINA MARAVILHOSA.

A viúva do primeiro fotógrafo de Foz do Iguaçu fala do homem que graças à sua arte documentou a história da cidade, relembra o passado e comenta o presente. Dona Marieta Shinke tem 74 anos e vive no casarão da rua Tiradentes cultivando plantas e lembranças. É a memória viva de uma cidade que esqueceu seu passado. NOSSO TEMPO ao entrivistá-la busca recuperar a história de Foz do Iguaçu. Primeiro foi SADY VIDAL, agora MARIETA SHINKE, e vamos continuar, pois este também é o papel de uma imprensa que tem como objetivo servir a uma cidade com muita coisa para contar, mostrando que ela não nasceu com Itaipu como muitos pensam.



Vapor que fazia a linha Posadas-Porto Mendes



Festa registrada pela fabulosa máquina de Shinke

A fabulosa máquina de Shinke documentou o incêndio da Igreja.

— D. Marieta, o que aconteceu com as fotografias do seu Shinke?

— Levaram tudo. Aqui havia caixões e mais caixões de fotografias, coisas preciosas, de grande valor histórico. Não ficou nada.

— Mas quem levou?

— A prefeitura, Câmara e os colégios que pediam emprestadas para exposições e não devolviam.

— Em que ano o sr. Shinke chegou aqui?

— Em 1922.

— Ele já era fotógrafo?

— Não, ele veio prá fazer profilaxia.

— Então ele foi o primeiro neste campo?

— Tinha estado aqui um senhor que atendia antes. Muito bom profissional, não se dedicava propriamente à profilaxia, mas representava uma ajuda ao povo. Era o senhor Castilho.

— O que aconteceu com ele?

— Este senhor foi embora e meu velho, acompanhado pelo doutor Amilcar Barca Pellón, assumiu a função. Era um artista do homem. Ele e o prefeito da época, Jorge Schimmelpfeng, formaram um grupo teatral.

— Quer dizer que o prefeito e o médico eram atores?

— Bem, era teatro amador. Seu Jorge era um entusiasta do teatro. Estou lembrada de uma peça que levaram ao Cine. Jorge Schimmelpfeng, que era gordo e baixo, fez o papel de padre. Amilcar, que era alto, representou um advogado.

— E o povo se divertia muito com estas representações?

— Ah, como era engraçado. Veja só, Amilcar era alto e Jorge baixo, então a gente via sempre as pernas do espanhol, o padre, que era o Jorge Schimmelpfeng, caminhando prá lá e prá cá.

— E onde eram representadas as peças?

— Olha, era onde hoje está o Hotel Espanhol. Na epoca não havia teatro nem cinema. O povo ia se distrair no teatro que o pessoal formava aqui.

— Era só o povo da cidade que assistia ou vinha gente de outros lugares?

— Vinha gente da colônia e muitos argentinos. Nesta época passavam por aqui muitos vapores. Atracavam no porto e ficavam por lá vários dias. O pessoal descia e andava pelo então povoado. Eu me lembro de um Natal. Justo quando foi encenada a peça do advogado e do padre. O pessoal do vapor distribuiu para todos que estavam no cine bolachinhas e vinho do Porto. Mas que bolachinhas gostosas! Hoje passados mais cincoenta anos sinto o gosto na boca.

— Mas eram mesmo tão gostosas assim?

— Se eram! Nunca mais comi coisa igual. E traziam também champanhe espumante e pão de pascua.

— Os turistas eram argentinos?

— Sim, eram argentinos que passeavam de vapor pelo rio Paraná da linha de Posadas a Porto Mendes.

— Porto Mendes era a sede da Mate Laranjeiras?

— Sim, e até lá chegavam os vapores que eram um luxo por dentro.

— Havia alguma orquestra ou bandinha em Foz?

— Olha, havia aqui em Foz uma família de ingleses, e o nome do chefe desta família era Jorge Samways, mais conhecido como Jorge Inglês. Morava ali. (D. Marieta aponta para uma casa em frente).

— Então o Samways era o músico da cidade?

"Prefeitos que vêm de fora vão embora com o bolso cheio".

— Ele tocava muito bem flauta. Eram pobres mas tocavam muitos instrumentos. Chegaram a formar uma banda. Até hoje devem existir os instrumentos, talvez guardados em algum clube.

— D. Marieta, sinto que a senhora está muito emocionada. É como se estivesse revivendo aquela época.

— Sabe que era tão bom naquele tempo, talvez porque a gente era nova, meninota. O povo era tão unido. Faziam piqueniques e os colonos iam com galinhas e porcos assados. A gente buscava um rio e então íamos todos juntos. Quem sabia tocar levava seu instrumento para animar. E de tarde,na volta, ia a bandinha na frente puxando o desfile de volta à cidade. Era assim como um cordão de carnaval.

— Quantos anos a senhora tinha neste tempo?

— Acho que uns 12 ou 13 anos. Estas lembranças são de 1910 ou 1915.

— Quais os armazéns que havia na época?

— Bom, havia os armazéns dos argentinos. Um era de Luiz Saens e outro era o de Jacinto Palácios. Havia também um turco ali na avenida, onde antes era chamado de Botafogo. Acho que o nome dele era Marcelino Risk.

— Quer dizer que a memória fotográfica da cidade só começa a existir quando chega o Senhor Shinke?

— Praticamente sim. Antes dele as fotografias só eram tiradas pelos turistas e estes buscavam só as paisagens naturais. Meu velho fotografou a gente da época.

— E como ele se virava para processar os filmes?

— Ele trouxe uma máquina caixão e preparava os seus reveladores e fixadores. Já tinha um pouco de prática, mas depois aprendeu coisas novas com um senhor alemão que chegou aqui.

— A história de Foz então começou a passar pela lente da máquina fotográfica do senhor Shinke?

— Sim,ele era muito curioso e queria documentar tudo que acontecia.

— E também muito corajoso, pelo que contam.

— Olha, o fotográfo tem que ser assim. Ele fotografou a coluna Prestes.

— E como foi a chegada das colunas e o comportamento da população?

— Quando os revolucionários chegaram, ele estava em Guaíra fazendo recenseamento. Eu e meus filhos fomos então para a Argentina. Poucas famílias ficaram aqui. Eu me lembro dos Engels e dos Anzoatégui, por exemplo, que ficaram. Já os Schimmelpfeng saíram também para a Argentina.

— Seu Shinke chegou e já foi falar com os revolucionários?

— Bom, ele ficou muito admirado com a audácia e o patriotismo daqueles jovens. Ficou muito amigo de Luiz Carlos Prestes.

— Então os revolucionários não eram os bichopapões que muita gente pintou?

— Que nada, eram gente muito boa. Para dar um exemplo só, um oficial da coluna foi lá na Argentina e quando nos viu acampados e cozinhando ao relento, pediu que a gente voltasse ao Brasil, que eles nos dariam proteção. A luta deles era pela liberdade e melhores condições de vida para o povo. Mas mesmo assim o nosso medo era grande, sei lá, um tiroteio...

— Que outras lembranças a senhora tem da Coluna Prestes?

— Estou lembrada que eram rapazes altos e bonitos. Muito bem educados. Foi uma pena que perderam. Acho que se eles ganhassem o Brasil hoje estaria melhor.

— Houve um morto aqui, não é?

— Sim, morreu o Sá Ribas. Era o escrivão do Fórum. Dizem que ele tinha iludido uma moça lá onde morava antes e que o oficial que o matou era irmão da moça. Este oficial tinha jurado vingança.

— Dona Marieta, e as tropas do governo como se comportaram?

— Comportaram-se muito mal. Roubaram cavalos, o gado e galinha do povo.

— O que aconteceu com a máquina do seu Shinke?

— Ele deu de presente para um rapaz que um dia apareceu por aqui e ficou morando em casa e ajudando-o na construção. Este rapaz aprendeu fotografia e então passamos a ser quatro a trabalhar na profissão. O velho, eu, minha filha e o rapaz, que se chamava Valentim.

— Quais os grandes lances fotográficos do seu Shinke, que a senhora lembra?

— O incêndio da catedral (à tardinha), os primeiros aviões da Panair que vieram aqui, a descida do primeiro hidroavião, e tantos outros acontecimentos.

"Eu até dancei uma valsa com o Santos Dumont"

— Fotografou também o Santos Dumont quando veio a Foz?

— Não. Eu não me lembro.

— A chegada do Santos Dumont agitou muito a cidade?

— Quando ele chegou houve uma festa enorme, um salão grande com piano e orquestra. Eu me lembro que dancei uma valsa com Santos Dumont. Ele era muito bom. Eu soube de uma ou outra versão sobre a chegada dela aqui. Mas o que sei é que ele desembarcou no porto argentino.

— E quem foi que o trouxe para Foz?

— Foi o Jorge Schimmelpfeng, prefeito na época. Ele passou para o outro lado e trouxe o Santos Dumont.

— Mas ele foi levado até as cataratas pelo senhor Frederico Engels.

— Olha, Frederico Engels tinha um hotel, chamado "Balança Mais Não Cai", e ele precisava de hóspede ilustre e então levou o Santos Dumont para lá. Daí eu acho que surgiu a idéia de irem até as cataratas.

— E o que aconteceu como hotel dos Engels?

— Muito tempo depois pegou fogo, mas dizem que foi proposital, pois estava no seguro.

— Dona Marieta, a senhora sabe que a população de Foz não pode eleger o prefeito, não é?

— Pois é, isso é uma barbaridade. Aqui há tanta margem para escolher uma pessoa capaz de ser prefeito. Já esses que vêm de fora, quando vão embora saem com o bolso cheio, inclusive este que está aí. O atual prefeito teve muita sorte. Largaram dinheiro que é uma beleza para ele.

— E com dinheiro qualquer um faz, não é?

— Claro que faz e enche o bolso também.

— A senhora conhece o prefeito?

— Não. Mas a senhora dele foi colega de minha filha, a Didi, no Colégio do Sagrado Coração de Jesus. Só que minha filha era interna e a senhora do prefeito era semi-interna.

— A senhora acha que Itaipu trouxe melhoras para a cidade?

— Em parte sim. Mas o que levantou Foz do Iguaçu foi a ponte com o Paraguai. O que eu sinto de coração é o Juscelino não viver.

— Juscelino fez a ponte, mas quem inaugurou foi o Castelo.

— Dizem por aí que a ponte foi feita por Castelo Branco. Isso é uma mentira. Juscelino é que veio por a pedra fundamental. E a ponte foi construída no governo de Juscelino.

— Afinal, o que veio fazer o Castelo?

— Eles, não fazia muito, haviam derrubado o governo de Jango e precisavam buscar simpatia do povo. Daí ele veio descerrar a placa de bronze. Muita gente achou feia a atitude dele.

— E Juscelino morreu cassado.

— O que mais sinto é que tiraram os direitos dele. Eu não aceito até hoje a morte de Juscelino como uma acidente.

Fez-se um intervalo e tornamos limonada. Dona Marieta se desculpa por não ter café em pó. E reclama do café solúvel que só serve para tomar com leite.

— Quantos anos faz que o seu Shinke faleceu?

— Cinco anos.

— Um dos primeiros carros de Foz pertenceu a ele, não é?

— Sim, era um Ford "bigode" que ele ganhou de um argentino que o trouxe de contrabando.

— Foi um presente?

— Sim, de uma família de Puerto Iguazú que pegou impaludismo e depois sofreu a catapora. A família ficou isolada, de quarentena. Diziam que era bexiga preta. Ele se compadeceu do pessoal e ficou por lá tratando deles.

— Ah! claro, ele era prático em profilaxia.

— É,com estes conhecimentos ele ajudou muita gente. Esta família tinha dois carros, o bigodinho e outro. Um dia chegou um aviso para ele esperar no porto, pois iria ter uma surpresa. Foi até lá e encontrou dois rapazes com o Ford esperando. "Este é o presente que o papai manda para o senhor" — disseram eles. Era um calhambeque com as rodas estreitinhas.

— E a família então ganhou um carro para passear?

— É,deixamos a carroça de lado. Mas ele começou a trabalhar também com o "bigodinho". Levava autoridades para o Panair e turistas às Cataratas.

— E durante a segunda guerra, houve muito contrabando de pneus?

— Eu me lembro que durante todo o dia e à noite também havia muita gente rolando pneus na barranca do rio. Uma vez apareceram uns pneus lá no fundo do quintal. As crianças viram e o velho disse para eles não tocarem. Mandaram para a Argentina, que estava neutra. De lá seguiam para a Alemanha.

— Havia muito chacreiro bom nesta época?

— Um dos maiores chacreiros daquela época era o Gregório Dotto. Eles tinham de tudo na chácara. Júlio Pasa também era um grande chacreiro. Era um homem culto, vivia em cima dos livros.

— Chegou inclusive a ser Prefeito?

— Sim, e era muito trabalhador. Eu me lembro que havia na Avenida Brasil a ponte do Botafogo, que a enxurrada sempre destruía. Julio Pasa, que era ótimo pedreiro, disse que iria construir uma ponte que serviria para a cidade durante muitos anos. E assim foi, ela existiu até chegar o asfalto na Avenida Brasil.

Fim da entrevista. Passamos a ver as fotografias da família e o envolvimento na atmosfera de uma Foz que só subsiste na arte fotográfica de Harry Shinke.

Itaipu provoca pânico/ Polícia esbofeteia D. Araci/ De que morreu D. Maria?

Morte estranha na Santa Casa.

Diante de certas ocorrências, muito frequentes aliás, não se sabe com que coerência muitos hospitais no Brasil continuam com o nome de "Santa Casa". As virtudes que poderiam indicar a santidade dessas casas são muito raras, inclusive aqui em Foz do Iguaçu.

No último dia 2, Adelaide Bispo de Almeida internou sua esposa na Santa Casa Monsenhor Guilherme pois ela estava grávida e as dores do parto se faziam sentir. Eram 5 horas da manhã. O marido precisava ir ao trabalho, no Centro Social Urbano, então deixou a esposa, Maria Oliveira de Almeida, internada e ele foi ao CSU.

Por volta do meio-dia, Adelaide Bispo telefonou à Santa Casa para saber do estado da esposa. Recebeu a informação de que o parto aindo não se realizara mas que tudo estava bem com a mulher. Tranquilo, Adelaide voltou ao serviço à tarde. Às três horas ligou novamente para saber se a esposa estava bem e se a criança havia nascido. Tudo continuava igual. Tudo estava bem, informaram da Santa Casa.

Às seis horas da tarde, o marido voltou do trabalho. Conversou com a filha e esta lhe disse que telefonara fazia pouco tempo desde a Prosdócimo, onde trabalha, e recebera a notícia do nascimento normal da criança e que a mãe e o filho passavam muito bem.

A partir daí, porém, houve uma sucessão de fatos que, se não são claramente escandalosos, caracterizam, no mínimo, uma indesculpável irresponsabilidade por parte de funcionários e médicos da Santa Casa Monsenhor Guilherme.

Bispo tomou tranquilamente seu banho, arrumou os documentos do INPS e foi ao hospital. Eram entre oito e meia e nove horas da noite quando chegou. Novamente lhe disseram que a mãe e o filho estavam perfeitamente bem.

Ao mostrar a carteira do INPS, Bispo constatou que estava vencida há dois dias. Foi então aconselhado a ir revalidar o documento. Ele, porém, insistia em querer conversar com a esposa. Foi impedido peremptoriamente sob a alegação de que aquele não era horário para visitas a doentes. Em todo caso, pensou Bispo, se está tudo bem não há por que se preocupar, e voltou para casa.

Ao chegar à sua casa, Bispo foi surpreendido pela fisionomia tensa dos filhos e de um vizinho que lhe trouxera a notícia ouvida pelo rádio informando que dona Maria Oliveira de Almeida falecera na Santa Casa. Para amenizar o choque, o vizinho apenas alertou o marido da vítima de que era para ele ir ao hospital pois a esposa deveria estar passando mal. A verdade, porém, era que a rádio noticiara o "falecimento" da paciente.

Incrédulo, Bispo telefonou à Santa Casa e recebeu a trágica notícia secamente: "Infelizmente, sua esposa teve um problema e faleceu". As explicações eram desnecessárias a essas alturas. Bispo foi ao hospital e de lá saiu com o cadáver de sua esposa, a criança em perfeito estado de saúde e um atestado de óbito que apontava uma hemorragia aguda e uma "rutura" (palavra inexistente no léxico português) uterina com choque hipovolêmico como "causa mortis".

"Eu acho que foi falta de cuidado", arrisca-se a denunciar Adelaide Bispo de Almeida. Sua suspeita de irresponsabilidade, desleixo ou pura incompetência do médico se fundamenta no jogo de mintiras em que o fizeram circular antes de lhe contar a verdade sobre o estado da esposa. "O caso é muito triste. Foi um choque muito grande do qual ainda não me recuperei" — confessa o marido da vítima com claras indicações de revolta e profunda mágoa. Ele não é capaz de ver que recurso movimentar para apurar responsabilidades por essa morte mal explicada. Em sua simplicidade e pobreza; Bispo acha que deve acionar o hospital na Justiça, sem ter clareza sobre como proceder, especialmente em vista de sua falta de recursos.

No atestado de óbito da mãe e na ficha do bebê, que está agora aos cuidados da cunhada do viúvo, constam as assinaturas dos doutores Roberto Fava (obstetra) e Osmar Esculápio, mas Adelaide Bispo sequer sabe qual dos médicos da Santa Casa foi o responsável pelo parto da esposa. Ele não se avistou com nenhum médico, nem com a esposa desde o momento em que a internou até recebê-la morta.

Desse modo grotesco, Maria Oliveira de Almeida deixa com o marido 1 filho maior de idade e 7 menores. A Santa Casa, por sua vez, perde mais alguns motivos para continuar com esse nome.

Esta família perdeu a mãe estupidamente na Sta. Casa.

Esta senhora morreu na Santa Casa. Falta de cuidado?

Mais uma aprontada da polícia

Os maus tratos dispensados por certos policiais não se limitam apenas às pessoas de sexo masculino. Araci de Barros Fagundes que o diga. Ela trabalha no SPC (Serviço de Proteção ao Crédito) na ACIFI, e ao chegar em casa soube que as crianças andaram brigando com as do vizinho, que resolveu dar queixa na Delegacia.

Por volta das 7 horas da noite, a polícia bateu na casa de Araci e intimou-a a comparecer na Delegacia.

— Eu perguntei a eles se eles tinham alguma ordem do juiz, e eles disseram que fora o justamente o juiz que mandou resolver o problema.

A polícia levou a mulher e mais duas meninas (uma de 12 e outra de 14 anos).

— Lá na Polícia eles anotaram o meu nome e o das meninas. Tinha um cara jogando dominó e perguntou o que houve. Eu respondi que foi bronca de criança. Mesmo assim eles iriam botar nós na cadeia, disseram. Pedi para que chamassem meu advogado e ele respondeu:

-- Que advogado, coisa nenhuma. Autoridade aqui sou eu.

Daí eu perguntei para ele se por lei eu tinha direito a pedir um advogado.

— Não tem, não. A lei aqui sou eu.

— Eu insisti em chamar um advogado e ele me agarrou pela garganta e me deu dois tapas na cara. As menimas se agarraram em mim e começaram a chorar, e ele separou nós com violento empurrão.

As duas meninas foram trancafiadas numa cela e a mulher em outra. Mais tarde outro elemento foi falar com Araci.

— Aquele parecia exercer algum cargo de chefia. Conversou com nós e colocou-nos numa cela dizendo que no dia seguinte estaríamos em liberdade. No outro dia perguntaram se eu tinha família para mandar avisar. Falei para comunicar à minha filha que, por sua vez, avisou o advogado. Por volta das 9 horas ele chegou e então fomos libertadas.

PERSEGUIÇAO DO CABO

D. Araci reside na Vila Militar e acredita que sua detenção tem alguma relação com as perseguições que ultimamente vem enfrentando por parte de um tal de Cândido.

— É um elemento que há anos vem me perseguindo. Como sou separada do meu marido há mais de seis anos, esse homem vem me aporrinhando a vida há muito tempo. Acho que é porque eu nunca dei confiança para ele. Há tempos atrás ele andou espalhando que iria me tirar da vila porque lá em casa era uma zoninha pois chegava carro a toda hora. É lógico que vem carro com frequência, mas são pessoas de bem, gente que frequenta minha casa como qualquer casa de família. Não é comum receber a visita de amigos ou parentes em casa? Será que até isso já é proibido?

D. Araci: O cara me pegou pela garganta e me deu dois tapas.

Itaipu causa pânico

Às nove horas do último dia 6, muitos dorminhocos — como é o caso dos editores do Nosso Tempo — foram acordados com um tremendo susto. Os que estavam acordados e trabalhando ou vadiando por aí também tremeram e esperaram que caísse algum tijolo na cabeça ou se abrisse uma fenda no chão para os engolir.

Um sonoro estrondo fez a população de Foz do Iguaçu recordar imediatamente o Sul da Itália, onde em dezembro cidades inteiras ruíram sob o rugir grave de um terremoto dos mais catastróficos da história.

Realmente, a terra, as casas e as camas estremeceram em Foz na segunda-feira da semana passada. O ronco forte, profundo e prolongado sugeriu, mesmo a pessoas que já presenciaram tremores de terra, tratar-se de um fenômeno dessa natureza. Houve quem fugisse para a rua para se livrar dos tetos e telhados que estaraim na iminência de desabar sobre suas cabeças. Mães correram em busca de seus filhos nos berços para salvá-las das violências vomitadas das profundezas da terra. Vidraceiros e pedreiros sentiram que se aproximava o momento de ficarem ricos reconstruindo casas e prédios danificados.

Não faltaram os que previram a suspensão das obras da Itaipu ou a necessidade de demolir os diques já construídos, pois teriam rachado e não apresentariam mais segurança. Os mais paranóicos sentiram que estava inviabilizada a usina, pois a formação de uma represa em regiões suscetíveis a abalos sísmicos representa um verdadeiro suicídio.

Os que já leram a respeito de alertas feitos por geólogos respeitados sobre a possibilidade de ocorrências dessa natureza após represado o lago de Itaipu — perigo real — sentiram-se aliviados. Eles ponderaram: "Já pensou se acontecesse esse tremor depois de fechada a represa?"

As pessoas com o sangue um pouco mais frio e os nervos sob controle atribuíram logo o violento sacudão a explosões nas obras de Itaipu. Os outros, porém, não se acalmaram utilizando-se desse raciocínio. As obras de escavação foram concluídas há muito tempo e Itaipu não poderia estar detonando petardos com tal dose de violência. Quer dizer: tudo conduzia à conclusão da ocorrênica de um terremoto.

A não repetição imediata do ronco e do estremecimento de nada serviu para desanuviar as faces tensas da população. Todos sabem que um grande terremoto se faz anunciar por alguns menores, e isso criou as mais tétricas previsões nas fobias do povo.

ITAIPU ESCLARECE

Por sorte o que aconteceu não foi nada do que passou pela cabeça da população. Algumas horas depois do acontecido, as inquietações foram levadas aos funcionários da Itaipu — a verdadeira responsável pelo susto pregado na cidade. Quando Itaipu percebeu os rumores que corriam, apressou-se em emitir um nota ao público explicando o que se passara. "Itaipu esclarece ao Público" — era o título de nota emitida pela Assessoria de Relações Públicas, ávida por ver os esclarecimentos divulgados insistentemente pelas rádios e jornais da cidade, e assim tranquilizar a população.

Dizia a nota: "Com referência a explosões ocorridas no dia de hoje (6/01/81), a Itaipu Binacional comunica tratar-se de material explosivo que estava em processo de deterioração e que, por medida de segurança, está sendo destruído por detonação ao ar livre, razão do maior deslocamento de ar.

"Trata-se de detonação controlada, absolutamente normal, que deverá ser repetida durante dois ou três dias".

Se o esclarecimento bastou para eliminar o medo de terremotos, não serviu para tirar todo o medo entre a população. A promessa de que as explosões se repetiriam nos dias seguintes continuaram a intranquilizar as pessoas. As detonações foram tão violentas que muitos temiam algum dano em suas casas pois poderiam danificar vidraças e outras coisas. As explosões ocorreram nos dias subsequentes, mas não há notícias de que tenham causado algum dano além da alteração na pulsação dos corações menos tranquilos.

Melhor assim. Mas é de perguntar sobre a quantidade de explosivos que estavam se deteriorando e por que estavam nessa condição. Itaipu não quis revelar a quantidade de explosivos que estava jogando aos ares inutilmente — apenas para se livrar de um entulho incômodo.

Desse modo, Itaipu não poderá mais esconder um desperdício tão bambástico. Pelo ruído das explosões restam poucas dúvidas sobre a quantidade enorme de material dissipado nessa operação.

O que se pode pensar com segurança é que esses explosivos foram adquiridos em quantidades abusivas e descriteriosas no tempo em que se realizavam as obras de abertura do canal de desvio do Rio Paraná. Como sobraram, essas toneladas de dinamite foram simplesmente destruídas. É certo que Itaipu não vai dar a conhecer suas dissipações, mas só desta vez alguns maços de "barões" foram junto com a pólvora aos ares do reino da hidrelétrica binacional.

Não há dúvidas. Itaipu é maior em tudo: Em tamanho, em gastos e em desperdícios.

Mas, tudo bem. O povo paga.

Fome, suicídios, atropelamentos: os altos índices de mortalidade em Foz.

85 CRIANÇAS MORRERAM DE FOME DURANTE O ÚLTIMO ANO

A fome está matando em Foz do Iguaçu. Somente os óbitos registrados no Cartório apontam 85 crianças que morreram por desnutrição.

Número de natimortos	118
Número de óbitos (menores de um ano de idade)	244
Número de óbitos por desnutrição	85

164 MORTES VIOLENTAS EM 1980

As cifras abaixo representam o número de mortes violentas ocorridas durante o ano de 1980, que passaram pelo Instituto Médico Legal da 16ª SDP. Dados estarrecedores, principalmente acidentes de trânsito e atropelamentos (66). Acidentes de trabalho (21)-metade das mortes aconteceram no canteiro de obras da Itaipu.

Acidentes de trabalho	21
Atropelados	40
Esfaqueados	19
Outros homícidios	04
Queimados	02
Ingestão de veneno	2
Acidentes de trânsito	26
Baleados	35
Afogados	11
De frio	02
Enforcamento (suicídio)	02

Delegação foi ao Rio e voltou otimista: Centro vai sair

EMBRATUR DÁ O «SIM» AO CENTRO DE CONVENÇÕES

Delegação em busca do dinheiro da Embratur.

Foz do Iguaçu venceu. Embratur custeará 50% da construção do Centro de Convenções.

A aparatosa delegação de autoridades e empresários iguaçuenses, que foi ao Rio de Janeiro na semana passada para se avistar com o presidente da Embratur, voltou otimista. Nada menos de 9 pessoas juntaram-se no Rio a mais outras 15 procedentes de Curitiba, São Paulo e do próprio Rio de Janeiro.

Para ter uma conversa com Miguel Colassuono embarcaram no Aeroporto internacional de Foz do Iguaçu o prefeito Clóvis Cunha Vianna, o presidente da Companhia de Melhoramentos Cataratas do Iguaçu, Sérgio Lobato Machado, o empresário Ozires Santos, Wadis Benvenutti, presidente da ACIFI, Alberto Koelbl, vereador, Júlio César Gomes de Oliveira, presidente do Sindicato dos Hotéis e Similares de Foz do Iguaçu, José Bento Vidal, presidente do Conselho de Administração da Cia. de Melhoramentos, Newton Parodi, presidente do Conselho Fiscal da entidade e Xenofonte Villanueva, empresário.

Ao todo reuniram-se com Colassuono 25 componetes da comitiva que foi buscar uma definição sobre a participação da Empresa Brasileira de Turismo na construção do Centro de Convenções de Foz do Iguaçu. Chefeiou a delegação o secretário da Industria e do Comércio do Paraná, F. Fernando Fontana, que chegou ao Rio procedente de Lima, Peru, no mesmo dia da reunião.

Toda essa ostentação pode parecer supérflua, mas na concepção dos empresários e das autoridades presentes à reunião o exagero de contingente fica minimizado pelo êxito obtido.

Evidentemente, Miguel Colassuono não iria receber mal a uma delegação tão numerosa e representativa, mesmo porque fora convidada por ele. E as boas notícias fornecidas por Colassuono aos interessados no Centro de Convenções de modo algum poderiam ser negativas. Se fossem, o presidente podia ter transmitido as informações por telefone ou através de uma acanhada nota à imprensa, como é de costume.

Os empresários e as autoridades mobilizadas na construção do Centro de Convenções em Foz há muito estavam impacientes com a falta de definições da Embratur com relação à participação daquela empresa com 50% dos custos da obra projetada, conforme promessa feita aos idealizadores do projeto. Foi precisamente para garantir essa participação que Colassuono convocou ao seu gabinete no Rio um número tão espalhafatoso de personalidades.

Ao simplismo dessa definição, a Embratur tinha ainda um ponto a discutir sobre a obra: Seu barateamento. O custo estimado, em valores atuais, de 500 milhões de cruzeiros, deve ser barateado, no entender de Miguel Colassuono.

Na reunião realizada no Rio às 15h30 do último dia 6, o arquiteto Joel Ramalho, de Curitiba, que elaborou o projeto do Centro, ficou encarregado de apresentar uma remodelação capaz de diminuir os custos da obra. Seu trabalho será avaliado em Foz do Iguaçu nos dias 10, 11 e 12 de fevereiro próximo, ocasião em que Miguel Colassuono promete estar na cidade.

Colassuono explicou à comitiva que sua proposta de buscar alternativas mais econômicas decorrem da gravidade da crise econômica brasileira e, conforme relato fieto ao Nosso Tempo por Sérgio Lobato Machado, o arquiteto Joel Ramalho, contratado pelo governador Ney Braga para a elaboração do projeto em questão, acha possível reduzir significativamente o custo da obra.

PARTICIPAÇÃO VITAL

A idéia da construção de um Centro de Convenções em Foz surgiu ainda em 1973, na Empresa Paranaense de Turismo (Paranatur), considerada viável pela empresa consultora, PLANJETO – Planejamento e Projeto Ltda. O plano apresentado pela PLANJETO foi aprovado pela Secretária da Indústria e do Comércio do Paraná, que imediatamente fez sentir a necessidade da criação de um órgão em Foz do Iguaçu que assumisse o empreendimento.

Osvaldo Damião, Santo Salvatti o Jucundino Furtado empenharam-se e criaram a Campanha de Melhoramentos Cataratas do Iguaçu S. A. em 1975, registrada na Junta Comercial do Paraná com um capital social de 30 milhões de cruzeiros, corrigido em 1979 para 39 milhões e 225 mil cruzeiros.

O ante-projeto do Centro foi elaborado em 1980, em Curitiba, financiado pelo Governo do Estado, através do IPPUC pelo escritório Ramalho/Oba/Arquitetos. Previu-se uma área construída de 1.500 m2, que abrigará uma auditório para 1.500 lugares com todas as dependências auxiliares; dois auditórios para 260 lugares; quatro salas de reuniões para 100 lugares e sete salas de reuniões para 50 lugares, além de áreas para lanchonete e restaurante, posto médico, dependências administrativas e 14 lojas. Na parte externa foram previstas áreas de estacionamento, vias de acesso e completo projeto paisagístico.

Os 500 milhões de cruzeiros orçados na época da elaboração desse projeto ficaram para ser integralizados nas seguintes proporções: 250 milhões pela Embratur, 75 milhões pela Paranatur, 45 milhões pela Prefeitura de Foz do Iguaçu e os restantes 130 milhões pela iniciativa privada.

Como se vê, participação da Embratur é vital. Se esta se reti-

Casa de Umbanda Joana Darc

Artigos Religiosos de Umbanda e Candomblé, Pembas, Defumadores, Patuas, Imagens, Fluidos Algidares, Livros e Discos em Geral

FERRO PARA ASSENTAMENTO DE ORIXÁ, EXÚ, ETC...

Travessa B, 1118
(Fundos da Est. Rodoviária) Fone: 73-5975 · Foz do Iguaçu — Pr.

Acifi quer maior atenção da Embratur para com Foz do Iguaçu

rasse estaria inviabilizada a obra. Justifica-se, assim, o ufanismo da delegação na volata do Rio de Janeiro, viagem da qual veio a decisão daquela empresa em assumir o compromisso.

REUNIÃO SEM PROMESSAS

Sérgio Lobato Machado, por ser presidente da Cia. de Melhoramentos Cataratas do Iguaçu S. A. e, talvez, por ser o maior entusiasta do projeto, era o mais esfusiante. Com o alívio de quem ganhou um batalha, Lobato não poupou palavras para distribuir méritos entre as pessoas e entidades de Foz do Iguaçu e de outras partes. Lembrou que "essa vitória se deve ao brio com que se empenharam a Prefeitura Municipal, Câmara de Vereadores, imprensa, clubes de serviço, políticos, Federação Nacional de Hotéis, Federação Nacional de Agências de Viagem, governador Ney Braga, etc.

Sobre a utilidade do Centro de Convenções, empresários e autoridades são generosos em previsões. Prevêem a realização de convenções nacionais e internacionais, palestras, encontros de toda natureza, tão logo a obra esteja concluída. "Ainda agora — conta Lobato — quando não sabemos a época em que as obras serão iniciadas, já fomos consultados pela Shell do Brasil, Texaco, Lions Internacional, Rotary Internacional sobre a época de conclusão do Centro, pois esses órgãos estão vivamente interessados em realizar suas convenção em Foz do Iguaçu". Recentemente, a Confederação Brasileira das Associações Comerciais realizou uma convenção no Rio de Janeiro com a presença de 8 mil pessoas. Se Foz do Iguaçu dispusesse de um local capaz de abrigar esse número de pessoas, aquele encontro teria sido realizado nesta cidade.

Os entraves para a construção do Centro estão sendo removidos adequadamente. A última dúvida que ainda pairava na cabeça de Miguel Colassuono era sobre a força dos empresários iguaçuenses. Ele chegou mesmo a por essa subestimação às claras na recepção que concedeu no último dia 6, ao que Ozires Santos, um dos empresários iguaçuenses presentes, respondeu com garantia de que o empresariado cumprirá com sua parte, recorrendo à ampliação do quadro social da Companhia se necessário.

Desse modo, parte das trevas, que se formam à medida em que as obras de Itaipu acenam em despedida, vão se dissipando.

FOZ MERECE MAIS ATENÇÃO

Por ocasião da ida ao Rio para a audiência com o presidente da Embratur, Miguel Colassuono, Wadis Benvenutti entregou àquela autoridade o ofício de número 141/80-82, em que reclama uma atenção maior do órgão máximo do turismo nacional para com as potencialidades e necessidades de Foz do Iguaçu. Alguns trechos da carta do presidente da Acifi a Colassuono:

"Foz do Iguaçu já se apresenta hoje como o 2° pólo turístico e o 4° parque hoteleiro do Brasil".

"Muito ainda falta para consolidar Foz do Iguaçu como uma cidade verdadeiramente turística, desde melhores condições de atendimento ao turista, através de material humano melhor qualificado, através de cursos (não temos conhecimento de que a Embratur tenha promovido algum em Foz), ou através de um hotel-restaurante-escola. Carece nossa cidade de áreas de lazer; museu do Parque melhor equipado e com acervo mais atraente; Parque Nacional melhor utilizado turisticamente sem comprometer a ecologia e o meio ambiente (e isso é possível), até construção de equipamentos de apoio indispensável ao turismo, como principalmente um centro de convenções".

"Já se avizinha o término da construção da Usina de Itaipu e uma compreensível preocupação toma conta das lideranças locais..."

"Foz do Iguaçu é uma cidade eminentemente turística em que o turismo é sua vocação natural".

"Veja, ilustre professor Miguel Colassuono, a importância de vossa pessoa com relação ao futuro não apenas de um pólo turístico mas, acima de tudo, de uma população que vive e depende basicamente do turismo. Alguma coisa precisa ser feita. Maior atenção deve ser dedicada a Foz do Iguaçu. E, dentre todos os Ministérios e todos os órgãos federais, a Embratur é o que deveria ter maior intimidade com nossos problemas, de uma cidade essencialmente turística. Ficamos tristes até, ao vermos que vosso órgão não tem essa intimidade conosco, sequer uma representação local".

"Como reivindicação da Associação Comercial e Industrial de Foz do Iguaçu, que de alguma forma representa o comércio, a indústria, hotelaria e empresas de prestação de serviços, pedimos vênia para destacar alguns itens que consideramos de vital importância:

1. Total apoio à Cia. Melhoramentos Cataratas do Iguaçu, da qual pela ata de constituição a Embratur tem expresiva participação acionária, porém, ainda não formalizou através da subscrição formal das ações que lhe cabe, e, após a subscrição, alocar meios financeiros para a integração o mais breve possível a fim de propiciar, juntamente com os demais acionistas, condições para que se construa urgentemente o CENTRO DE CONVENÇÕES DE FOZ DO IGUAÇU. Vale o alerta que, em Cuidad Presidene Stroessner a rede de Hotéis Sheraton já iniciou a construção de um hotel, dotado inclusive de Centro de Convenções. Não seria bom para o Brasil que congressos e convenções de entidades ou empresas brasileiras fossem realizadas lá, pois isso, além de ferir nosso orgulho, evadiria enormes divisas.

2. Apoio da EMBRATUR através de expediente ao Ministério dos Transportes, ao Ministério da Aeronáutica e INFRAERO, gestionando o aumento de pista do Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu para possibilitar pouso e decolagem de aeronaves de maior porte como Dc-10, Boeing 747 e outras, constituindo-se aqui um ponto nas escalas internacionais das grandes companhias que hoje, e mais ainda no futuro próximo, utilizarão aviões de grande capacjade de carga e/ou passageiros, afim de reduzir custos operacionais.

3. Instalação de um escritório de representação em Foz do Iguaçu, a fim de dar maior assistência ao turismo, especialmente aos latino-americanos que vêm até nossa cidade e muitas vezes só não percorrem outros pontos turísticos, por total desconhecimento das facilidades de acesso e até mesmo desconhecimento da existência dos locais de atração turística do interior e das capitais brasileiras.

4. Apoio à criação de hotel/restaurante-escola para treinamento de mão de obra, através de expedientes de apoio do SENAC, onde já existem estudos e solicitações a respeito. Ainda no campo da melhoria da mão de obra, solicitamos o apoio da EMBRATUR junto ao MEC, no sentido de apressar a criação da Faculdade de Turismo e Hotelaria, cujo pedido já está em andamento e que funcionará junto à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, mantida pela Fundação Educacional de Foz do Iguaçu.

5. Apoio à criação da "Área de Livre Comércio de Produtos Brasileiros", através de envio de expediente para os Ministérios da Área Econômica, constituindo-se esta alternativa fonte geradora de mão de obra, observando o remanescente de Itaipu, com o incremento da atividade terciária do município, e, ao mesmo tempo, apoio indispensável ao turismo. O futuro de Foz do Iguaçu dependerá do crescimento e melhoria das atividades turística e comercial"

Wadis, atraindo a atenção da Embratur.

Dr. Adolpho Mariano da Costa

Advocacia em geral

Rua Minas Gerais, 1699 Medianeira.

Dr. José Antonio Fonseca

Advocacia em geral e trabalhista

Rua Rio Branco Fone 64-1948 Medianeira

sigma

Projetos Elétricos Ltda.

Projetos elétricos em geral, arquitetônicos e hidráulicos

Edifício Center Foz - Sala 111

Fone 74-1446

Borracharia com máquina hidráulica/*Especial para roda de magnésio.*

Alinhamento e balanceamento eletrônico/*Regulagem de motor com garantia de 3.000 Km*/Retífica/*Pintura*/Chapeação/*Consertos e instalações elétricas em geral*/Representante dos pneus Dunlop, Pirelli, Godd-Rich e Baterias Durex.

Confie em quem lhe oferece o melhor.

Comércio Universal de Pneus Ltda.

Exportadora Universal de Pneus e Baterias Ltda.

Av. Juscelino Kubitschek, 1646 — (Em frente ao Bordin) — Foz do Iguaçu — Pr.

Eligio Ayala: leitura recomendada para latinoamericanos

O empirismo ignorante dos políticos

Poucos conhecem Eligio Ayala. Mesmo no Paraguai, sua terra, ele tem seu nome numa rua de Assunção, alguns estudiosos querendo ressuscitar sua memória e o esforço do regime em mantê-lo no esquecimento. Eligio Ayala foi, entretanto, um dos mais lúcidos e dignos estadistas da América Latina. Ele governou o Paraguai de 1924 a 1929, dentro dos mais limpos princípios democráticos e com viva consciência do que seja a participação popular. Ao par de sua vida de político e estadista, Ayala foi um escritor de raras qualidades. Incompreensivelmente, sua obra está sendo desenterrada só agora — e este é um bom sinal para o povo paraguaio, que precisaria ter de volta Ayala, suas idéias e sua convicção democrática. Ayala escreveu um dia: "Outros escrevem para ensinar; Eu escrevo para aprender". No texto que segue, tirado da obra "Migraciones", ele mostra que de fato aprendeu, e, se aprendeu, tem condições de ensinar. O mais interessante é que este texto, de 50 anos atrás, mais parece escrito sobre a realidade atual (paraguaia, brasileira, latino-americana, enfim). Vale a pena ler isto:

"Para fabricar salsichas se requerem aptidões especiais; para ser legislador ou ministro no Paraguai o talento e os conhecimentos são supérfluos. A preparação, a honestidade, o caráter às vezes estorvam. Valem mais certas contorções e genuflexões do corpo que vinte anos de estudos, que a decência e a probidade.

Os que ocupam os postos públicos crêem saber tudo, se julgam aptos para tudo; perdem a consciência da própria inaptidão. Não sabem que "The science of power is forced to remember the power of science" ("a ciência do poder é forçada a lembrar o poder da ciência" - Emerson). Os políticos paraguaios crêem que basta patinar de um posto a outro, de ministério a ministério a recolher as rendas que lhe são anexas para ser estadistas.

No Paraguai para brilhar com reputações falsas basta ser deputado, senador ou ministro. Logo, é lógico que a paixão dominante seja a de adquirir esses postos e conservá-los, e que para isso, em vez de estudar, de preparar-se e dignificar-se, se adule, se intrigue ou se implore servilmente. Por essa razão a maior parte dos que exercem os elevados cargos políticos são os carreiristas petulantes. Todas as magistraturas têm sido profanadas pela inépcia mais franca e pela nulidade mais absoluta. Assim se encheu o Parlamento e os ministérios de aprendizes, que se instroem com seus caóticos e torpes ensaios legislativos.

Tudo se faz ao azar, pelo tato, por instinto como num acesso de sonambulismo; tudo se reforma sem necessidade e nada se reforma do que é preciso reformar.

Num mar flutuante de paixões e apetites, sem princípios diretores, sem sistemas, sem conhecimentos, a intervenção do Estado na esfera econômica tem-se convertido num oportunismo de detalhe, de expediente, que libera a economia nacional ao capricho dos interesses particulares do presente.

Não há sistema, nem plano, nem métodos, nem fins econômicos no governo. Cada revolução, cada novo ministro, rompe a continuidade, a coerência, o processo regular da política econômica.

Cada partido é como um torvelinho de paixões, de concupiscências de ideais e esperanças, que se eleva um momento, gira sobre si mesmo, remove e alça os desperdícios políticos do arroio e de dissipa. Nenhum partido cai pela metade. Cada mudança de partido no governo desloca tudo o que foi feito anteriormente. A tradição, a corrente de atos sucessivos, contínuos, progressistas, são impossíveis.

Um empirismo ignorante cria prêmios para fomentar uma produção determinada e amanhã o decapita com impostos proibitivos. Uma constante oscilação entre mil sistemas, princípios e interesses contraditórios, uma ligeireza pior que a barbárie tem estorvado a evolução natural da economia nacional, tem mantido, pregadas, presas, suas energias.

O fim político é ocupar um posto na administração pública e a única preocupação no posto é conservar-se nele, aumentar o soldo e diminuir o trabalho. Tudo se subordina ao interesse próprio; o interesse pessoal é o supremo critério do bem e do mal; ele simula a ciência, o patriotismo, tudo, ao ponto de provocar o desinteresse.

Daí surge um egoísmo miope que vê rivais em todos os demais; um caos político onde todas as forças se estorvam, e uma anarquia que é a senda dos abismos. Todos desconfiam uns dos outros, se maldizem, se caluniam, traem e se espiam; cada língua é um punhal afiado, uma lâmina que fere os corações e injeta neles a discórdia.

Se odeiam como concorrentes, porque cada um não busca mais que maiores vantagens na política; se consideram como obstáculos ou instrumentos, não se suportam senão quando um é instrumento do outro. São inimigos ou cúmplices.

São incapazes de elevar a vista, de ver as grandes linhas, os horizontes distantes do porvir nacional. O único ideal são as vantagens externas, imediatas, materiais.

A cada um parece que a mais ligeira fricção ao seu menor interesse pessoal desloca todo o Paraguai. As vantagens que aproveitam a outro, lhe parecem que são uma usurpação do bem próprio. Daí as loucas disputas políticas, a embriaguez das paixões, a eterna recriminação mútua dos políticos, dos partidos políticos.

A adesão aos princípios políticos, o companheirismo, a consequência política, o decoro pessoal, as obrigações comuns se desvanecem ante o exclusivo interesse de adquirir e conservar o posto.

A traição, a perfídia, o complô, a abjeção são meios lícitos segundo os sofismas do prejuízo imperante.

Nem a perversidade, nem a impudicícia, nem a claudicação, nem o crime tem sido obstáculo para fazer "carreira" política no Paraguai. Para escapar ao castigo tem bastado agravar a falta. O fim justifica os meios, o êxito legitima tudo. Daí, a idolatria do êxito político.

Não se respeita o mérito, não se despreza o vício, ninguém se indigna sinceramente contra a injustiça, ninguém é justo. Os culpados perdem a consciência de suas faltas, os homens virtuosos, o pudor, e os partidos, sua nobreza. Bons e maus em cada partido vivem em uma camaradagem hipócrita, sem sinceridade, sem confiança recíproca, sem gratidão, sem generosidade. O interesse os divide e os une e reconcilia sucessivamente. Os inimigos de ontem conspiram juntos; os amigos de hoje vencerão amanhã. Em vez de partidos se formam círculos esporádicos e convulsivos de pequenos ambiciosos.

Ayala: "Os que ocupam postos públicos perdem a consciência de sua inaptidão".

Nenhuma sanção às nobres depravações; nenhum estímulo à decência em política. Ninguém sente o remorso de haver traído um princípio nobre, uma aspiração generosa.

Todos fazem soar a grossa corda da honra, do desinteresse, do patriotismo, da razão de Estado, da pátria; declamam com gesto altivo, arrogante, as máximas altissonantes, num jargão pedante.

E nesse laboratório de palavras sonoras não há sinceridade nem modéstia.

Quando se examina seu significado, se encontra que elas não são senão denominações decentes do interesse do partido, dos amigos, do interesse próprio ou do cinismo.

O patriotismo, interesse nacional foram substituídos pela demagogia, pela embriaguez e pela libertinagem dos interesses de comitês, pela raposice e pela politicagem.

Os partidos, ao invés de serem úteis à pátria, utilizam a pátria; ao invés de servirem a interesses nacionais sadios, no governo, fazem com que o governo os sirva.

Dois ou três caudilhos na cabeça de seus partidos têm lutado uns contra os outros desde a Independência como se em todo o Paraguai não existisse espaço suficiente para eles. Cada um busca sua fortuna na ruína do outro. Derrocam e são derrocados, perseguem e são perseguidos, encarceram e são encarcerados, desterram e são desterrados.

E as conspirações, as ameaças, as represálias, as revoluções, que fluem o politicismo como excrescência abominável, têm difundido em nossa população rural a agitação, a incerteza, os rancores e as dissenções, têm canalizado a emigração, e têm ameaçado converter em uma Galiléia deserta nosso belo País.

Uma sociedade é tolerante quando todas as crenças falam e são ouvidas com calma, não quando haja esta calma porque se calam todas".

Traga um novo clima para dentro do seu automóvel...

...e sinta a suavidade próxima de você.

Gelauto

AR CONDICIONADO PARA AUTOS
Av. Presidente Juscelino Kubitschek, 1969 BR 469 km 1,5
Telefones (0455) 73-4832 – 73-4783 - 73-4793
Cx. Postal 514 85.890 - FOZ DO IGUAÇU PR

Figueiredo/Golbery tentam institucionalizar farsa democrática

Fábio Campana: Uma Saraivada contra o regime

Por ocasião das recentes festas de fim de ano veio a Foz do Iguaçu Fábio Campana para visitar sua família. Fábio está em Curitiba há alguns anos, onde cursa o 4º ano de Psicologia. Ele é filho do casal Dionísio e Irene Vera Campana. Fábio tem 33 anos e já tem um respeitável currículo em atividades jornalísticas. Trabalhou como colunista político na revista "Atenção", no jornal "Correio de Notícias" e, atualmente, faz o noticiário político do jornal "Boca no Trombone", de Curitiba. Com sua aguda consciência dos problemas nacionais, Fábio se dedica à atividade política dentro da "tendência popular" do PMDB, e desponta no Paraná como uma das lideranças jovens mais promissorias. Os leitores do Nosso Tempo têm na entrevista que segue uma descrição muito precisa do atual quadro político, econômico e social do País. Nela Fábio Campana mostra também sua competência na análise que faz da situação do Brasil e do povo.

Nosso Tempo — Como vê o quadro político hoje?

Fábio — É impossível analisar a situação política do país sem levar em consideração a crise econômica. Ha um ano atrás o governo prometia que começaríamos o ano com uma inflação de no máximo 45%. E uma balança comercial favorável. Começamos — 1981 com uma inflação de 113% e a divida externa em 60 bilhões de dólares. Delfim saiu de chapéu na mão pedindo empréstimos e não conseguiu nada. Os banqueiros internacionais estão aí apertando o cerco, exigindo mais e forçando a adoção das medidas sugeridas pelo FMI. A recessão é real. O custo de vida nunca subiu tanto. Crescem os índices de desemprego. O sálario real diminui. É a grande maioria, absoluta maioria do povo pagando o ônus de uma política econômica que conduziu o país ao desastre. Que produziu esta crise sem precedentes e que coloca toda sociedade, exceção dos poucos beneficiários do regime, numa profunda insatisfação que exige mudanças. É nesse quadro que devemos avaliar a situação política.

"1981 será um ano de manobras políticas do governo".

NT — O governo, então, está mal?

Fábio — As manifestações sociais dos últimos meses tornaram evidente o isolamento do governo. Não houve um setor da sociedade que não tenha expressado sua posição contrária à política econômica em vigor. E ninguém mais acredita que o país conseguirá superar suas dificuldades nos planos econômico e social nos marcos do regime. Ninguém mais acredita em promessas. O regime perdeu sua capacidade de convencimento ideológico. Mesmo os setores sociais que sempre lhe deram apoio, como os pequenos produtores rurais, já não confiam nos generais que monopolizaram o poder.

NT — O que falta, então, para mudar?

Fábio — As condições objetivas exigem mudanças. A crise se reflete ao nível do próprio governo. A base social do regime estreitou e isso se reflete no plano institucional. Isso explica a debandada de políticos do PDS, que abandonam o barco que está fazendo água. Reflete-se também nas dissenções entre os generais. Já não há uma posição única entre os militares. O grupo Figueiredo-Golbery continua tentando o projeto de institucionalizar a farsa democrática que possa esconder um regime de base autoritária. E continua manobrando nesse sentido. Esse grupo tem força e ainda conta com a preferência do capital estrangeiro. Mas enfrenta a oposição cada vez mais cerrada do grupamento de direita, com expoentes como o general Coelho Neto, que pede o fechamento, o retorno do fascimo mais cruel que conhecemos na época do general Médici. Este grupo se apoia em governadores como Maluf, que trabalha pelo golpe. Mas há ainda uma corrente democrática, sem comandos de unidades, mas com influência crescente. E quanto mais a crise se agrava, maior o conflito entre eles.

NT — E do lado de cá, como estão as coisas?

Fábio — Essa a questão é mais séria. Se as forças do regime diminuem e vai ficando cada vez mais reduzido o grupamento de generais que detêm o monopólio do poder, do lado de cá vemos a sociedade ainda não organizada o suficiente para os confrontos que se esperam. É inegável o crescimento do movimento popular. Nunca tivemos neste país uma classe operária com esta força e este grau de organização. Mas é necessário trabalhar pela construção da unidade de popular e pela coesão das forças democráticas. Isto vai se dando no processo de luta. É o novo que vai surgindo para derrubar o velho, o podre. Esta a principal tarefa política hoje: construir a frente de forças democráticas e de unidade popular para substituir o regime militar e estabelecer um governo provisório com a tarefa maior de convocar uma Assembléia Nacional Constituinte, livre e soberana, caminho para o restabelecimento da perspectiva do progresso para este país.

NT — Teremos eleições em 1982?

Fábio — O governo promete eleições em 82 para resolver seu problema político atual. Com isso, pretende dividir as oposições em torno de candidaturas. E conduzir as oposições à luta eleitoral em detrimento da luta maior, que é a de acumular forças em torno da Constituinte, que aponta para o fim do regime. Um casuísmo que não garante que teremos eleições. Afinal, é o mesmo regime que sustou eleições diretas em 1970, 1974, 1978. E se tivermos eleições, com certeza vencerá a oposição. Aí corremos outro risco. A oposição pode eleger candidatos aos governos dos Estados mas não chegar ao governo, tal o caráter de certas alianças que vão se constituindo em torno de candidaturas ...

Nem os pequenos produtores confiam nos generais.

de oposição. No Paraná temos o exemplo desse tipo: o PMDB já tem candidato a candidato conchavando com forças que ainda dão apoio ao regime.

NT — E os casuísmos?

Fábio — É evidente que, no caso de eleições, o governo tudo fará para impor regras ao jogo, que garantam sua vitória. Sempre foi assim. E o próprio governo já denunciou suas intenções. 1981 será um ano de manobras nesse sentido. Vem aí o distrital, a sublegenda, o impedimento a coligações, etc. etc. Mas acredito que nada impedirá a oposição de vencer. Se tivermos eleições. E acredito que devemos participar do processo eleitoral na perspectiva de contribuir para a vitória da oposição e desgaste do regime. Mas submetendo a participação eleitoral à luta principal que é a de construir a unidade popular sem a qual não chegaremos ao fim deste regime que tantos prejuízos causou a todos nós. Nesse processo devemos, inclusive, denunciar os casuísmos e a falta de eleições diretas para todos os cargos e níveis.

Demonstrar a farsa que são os chamados municípios de segurança nacional, onde não se elege o prefeito em nome dos interesses da Nação. E se impõe um coronel qualquer para dirigir o município, como se ele, mais que o povo, representasse os interesses e a segurança nacionais.

NT — É o caso de Foz do Iguaçu.

Fábio — É o caso. E com agravantes. É, com certeza, o município mais policiado do país. O povo não tem qualquer participação na decisão sobre as questões que lhe dizem respeito. Um interventor na prefeitura, coronel alcaide! Outro no Batalhão de Fronteiras. E um amplo contingente policial faz o poder nesta cidade. O resto é desrespeitado. O povo, os princípios democráticos, nada tem valor nesta terra usurpada.

NT — O prefeito diz que é uma necessidade de Itaipu.

"Tércio não é representante do povo de Foz do Iguaçu".

Fábio — Itaipu é um projeto faraônico que surgiu no bojo daquela idéia de Brasil potência do governo Médici. Como de hábito, o povo não teve qualquer participação no processo decisório sobre esse projeto. Foi imposto. É natural que sua execução se faça com essas características e se imponha não só ao canteiro de obras, mas também à cidade, da ditadura de um interventor que faz e desfaz como todos os ditadores, grandes ou pequenos, como este, com arbitrariedade e, se necessário, de forma violenta. Quando o coronel alcaide partir, os iguaçuenses herdarão um grande lago produtor de esquistossomose, graves problemas sociais e as seqüelas de anos sem o direito de escolher ao menos seu prefeito. Foz é um bom retrato do regime que vivemos desde 1964.

NT — Foz já tem um representante na Assembléia.

Fábio — Não é um representante da cidade. Foi eleito pelas forças que nada têm a ver com a cidade. Na Assembléia, Tércio defende os interesses dos grupos econômicos que constroem Itaipu. Basta ler seus pronunciamentos. Ele se pôs contra os agricultores que reclamam melhor indenização por suas terras. É contra todas as manifestações que condenam os prejuízos impostos ao povo pela obra. Não é um deputado de Foz do Iguaçu. É um deputado dos que o elegeram e mais um segmento identificado por interesses com as empresas que constituem a UNICON. Espero que nas próximas eleições, se tivermos eleições, Foz do Iguaçu eleja seu deputado. E, se eleger, que seja um deputado mais preparado que o atual representante da Unicon.

NT — E a imprensa?

Fábio — Resiste. Apesar de todas as pressões, a imprensa popular e democrática resiste. Apesar, inclusive, da grande imprensa.

PANIFICADORA E LANCHONETE
NOSSO PÃO
Pizzas
Sucos - Batidas
Aberto dia e noite
Av. Cataratas
Frente ao Center Foz
Fone: 73-5046

escritório jurídico
Dr. Álvaro W. Albuquerque
Dr. Agenor de Paula Marins
Dr. José Claudio Rorato
Dr. Antonio Vanderli Moreira
Dr. Ademir Flor
Dr. Santo Rafagnin
R. Benjamim Constant, 45
Foz do Iguaçu

DISCOTECA salvotti
O ponto de encontro da ala jovem

Técnica em televisão a cores e video-cassete.
Conversão de sistemas NTSC e PAL M. N.
VIDEOTEC — Eletronica Ltda.
R. Edmundo de Barros —Galeria Flávia
Sala 3 — Fone: 3553 — Foz do Iguaçu — Pr.

Muquifas se espalham pela cidade trazendo a prostituição

"Lanchonete Olga Maria" fica bem pertinho da Madeiral.

Hotel Teixeira: na rua Belarmino de Mendonça.

O "Bar São Jorge" também tá fácil de ser encontrado. É na rua Santos Dumont.

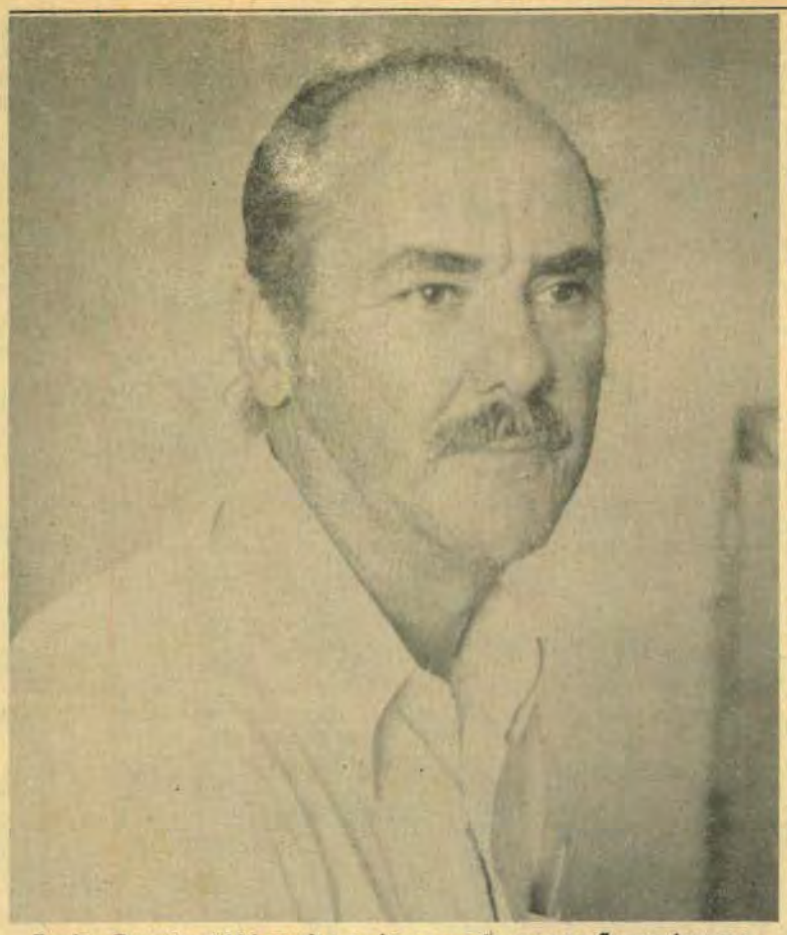
Essas três muquifas ficam na saída para Santa Terezinha, perto da favela da Pluma.

Olha quanta zoninha, gente.

Telefonemas, cartas e reclamações verbais pipocam na redação do Nosso Tempo contra as zoninhas, muquifas e mocós que estão espalhados pela cidade, disfarçados de hotéis, dormitórios e pensões. A vizinhança não aguenta mais tanta algazarra, brigas e até tiroteio, e pedem uma pronta ação das autoridades responsáveis. A grande maioria dessas zoninhas fica na área central da cidade, mas mesmo assim os moços da lei devem estar achando difícil de localizar. Por isso Nosso Tempo resolveu dar uma mãozinha e entregar o serviço. Agora, moçada, é só pegar o jornal, localizar o mocó e fechar o negócio. Tem alguns que a gente fornece até o número. E não estamos cobrando nada, viu?

"Hotel Bela Vista": rua Almirante Barroso, nº 650. Olhaí que colher de chá, seu "delega". Fornecemos até o número.

Sindicato Rural: máquinas desaparecem e há denúncias de roubo



Pedro Peroto: "Há muita coisa errada, mas não podemos falar nada por enquanto".

João Samek: "Quando voltar de viagem abro o que está acontecendo para vocês".

Unidade móvel do Sindicato Rural: A imagem do relaxamento.

Sindicato Rural sob suspeita

Recentemente estiveram fazendo vistoria no Sindicato Rural os enviados da Federação Rural e da Delegação Regional do Trabalho. E uma nuvem de mistério envolve uma visita que aparentemente seria de rotina.

Depois de uma verdadeira devassa no Sindicato, quando foram ouvidos os funcionários e membros da atual diretoria, os enviados de Curitiba chegaram à conclusão de que grandes irregularidades cercaram a gestão de Cleodon Albuquerque.

Alguma coisa está acontecendo e parece que há pacto entre a direção atual e funcionários para que não transpire nada para fora.

O Sindicato Rural de Foz do Iguaçu possui cerca de 2.300 sócios que não participam na vida da associação, sendo que muitos estão atrasados em suas mensalidades. Para ser sócio do Sindicato o agricultor tem que ser proprietário rural ou parceiro, já que o peão rural não é aceito como sócio.

Dizem os membros da atual diretoria que na verdade eles estão exercendo o cargo por indicação da Federação Rural. "Somos uma Junta governativa imposta pela Federação para por o Sindicato em ordem até haver eleições", diz João Samek, presidente interino. Além de Samek fazem parte da diretoria que assumiu em 22 de outubro os senhores Pedro Avelino Peroto e Jean Piérre Le Bourlegat.

MÁQUINA DE ESCREVER DESAPARECEU

Na verdade o cinturão de proteção criado em torno das investigações está surtindo efeito, pois até agora só foram vazados os casos de uma grande dívida do Sindicato com o INPS e o desaparecimento de uma máquina de escrever elétrica IBM.

Casemiro Kusbik, ex-funcionário do Sindicato e hoje proprietário de uma loja de produtos veterinários, acusa Cleodon de exercer a presidência de forma ditatorial. "Ele pediu autonomia para resolver tudo, inclusive largar cheques sem a assinatura do tesoureiro Jean Piérre, e me expulsaram porque eu era um obstáculo à curriola que dominava o Sindicato".

Kusbik também acusa Cleodon de utilizar o Sindicato como curral eleitoreiro do seu irmão, hoje deputado, Tércio Albuquerque, e para empregar outros membros da família. "Cleodon Albuquerque, por exemplo, depositava dinheiro do Sindicato na sua conta particular e em certa ocasião houve um roubo. Desapareceu dinheiro do cofre e o Cleodon foi visto por Olívia Lorenzetti, funcionária do Sindicato, saindo do prédio por volta de meio dia quando todos saem para almoçar. Além deste, houve outro roubo, e Cleodon não deu queixa à polícia, e à noite, numa reunião da diretoria, comunicou o desaparecimento dizendo que não havia por que se preocupar, pois o dinheiro não era de nenhum deles". Revoltado, Kubisk concluiu dizendo que, verdade, o dinheiro não pertencia a nenhum deles, mas ao Sindicato.

DÍVIDAS INSOLÚVEIS

Em defesa da gestão Cleodon sai o contador Carlos Roberto Martins. Diz que a única coisa que estava atrasada no seu tempo era o recolhimento ao INPS e o pagamento aos peões que estavam construindo o prédio.

Aparentemente assustado com as investigações que estão sendo feitas sobre o Sindicato, Carlinhos afirma que há uma conspiração contra Cleodon. Ele também foi ouvido pela delegação vinda de Curitiba e, diante de suspeitas sobre a sua atuação, pediu demissão do cargo de contador.

A renda do Sindicato é muito pequena, sendo que suas únicas fontes de receita estão na arrecadação do Incra e nas mensalidades dos associados. Enfim, a triste realidadae é que o Sindicato Rural hoje eatá numa situação em que para pagar as dívidas teria que penhorar o prédio. Quando assumiu, Cleodon disse que deixaria o Sindicato com dívidas mas faria investimentos. Há uma grande dívida e como único investimento o sobrado da Quintino Bocaiúva com a Marechal Floriano.

DIREÇÃO INTERINA NÃO QUER FALAR

Diante da súbita demissão de Cleodon, assumiu interinamente uma junta diretora. O Sindicato está sob uma intervenção "Branca" da Federação Rural do Paraná e as ordens da junta são "por a casa em ordem" e preparar eleições. Estas deveriam ter sido realizadas em novembro, mas as irregularidades são tantas que decidiram prorrogar para março.

João Samek assumiu a presidência diante das negativas de Pedro Peroto, secretário da chapa de Cleodon, já que Balduino Wandscher (vice-presidente) morreu. Pedro Peroto diz que fizeram um acerto entre amigos para não deixar o Sindicato acéfalo e ir tocando o barco até as eleições.

Samek, um homem que tem muito cuidado ao falar, sabe que tem dois compromissos. Um é segurar a peteca e não deixar que o Sindicato seja obrigado a fechar suas portas. O outro compromisso é esclarecer a opinião pública sobre o que vem acontecendo no órgão representativo dos ruralistas de Foz.

Samek não quer falar

NT - João Samek, como está a situação do Sindicato Rural?
SAMEK - "Deixem eu viajar para Manaus. Na volta nós poderemos conversar porque eu vou passar por Curitiba e ver se trago alguém da Federação que esteja autorizado a falar, porque eu não sou presidente eleito. Fui colocado aqui e não posso falar nada. Esperem até fevereiro. Aí vocês podem fazer uma reportagem completa, séria e verdadeira".
NT - Mas o povo está cobrando, não podemos esperar.
SAMEK - "Eu não declaro nada. Que adiantaria eu declarar alguma coida e depois não poder provar? Toda a documentação está em Curitiba, lá na Federação. Aguardem até fevereiro, quando deverá retornar alguém de Curitiba e aí vocês falam com ele".
NT - E a questão da máquina que sumiu daqui?
SAMEK - "Eu não sei disso, não podemos declarar nada a respeito"

Jean Piérre também não

NT - Jean Piérre, o senhor era o tesoureiro na época do Cleodon e agora também?
JEAN - Sim.
NT - E verdade que o senhor não assinava cheques quando deveria assiná-los?
JEAN - Eu não dou declarações.
NT - O senhor assinava os cheques ou do Cleodon assinava?
JEAN - Havia duas assinaturas nos cheques. A minha e a do Cleodon.
NT - O senhor acha mesmo que houve desvio de verbas?
JEAN - Eu não tenho nada a declarar.
NT - Se, de fato houve, o senhor deveria denunciar para ficar livre de suspeita, uma vez que era tesoureiro.
JEAN - Nada a declarar.
NT - Pelo menos uma fotografia?
JEAN - Não, não gosto de fotografia, meu rosto não fica bem nos jornais.
NT - Mas é para nossos arquivos.
JEAN - Por favor, não bata.
NT - Tudo Bem.

Reportagens fotográficas
Materiais Fotográficos em Geral
Foto Avenida
Av. Brasil, 706 - Fones: 73-1012 e 73-1646 - Foz do Iguaçu

"Cristina" aponta os acontecimentos sociais que marcaram a semana

cris Tina

— Cristian em sua festinha de aniversário.

Michele, no rebu de aniversários da semana.

— Alexandre, no momento lindo de apagar velinhas.

● É, perdemos para os Uruguaios. Que fazer? O jeito é guardar os foguetes e as biritas para as eliminatórias e a Copa. Até lá.

● *Semana das mais agitadas, festas, desfiles, inaugurações, gente nova chegando na cidade, tudo isso é Foz-81.*

● E por falar em gente chegando, damos as boas vindas ao nosso Diretor-gerente José Claudio Rorato com votos de que permaneça numa constante lua de mel.

● *Mas, gente nova mesmo, é a fofura que nasceu dia 5, no lar da minha amiga Gioconda Canassa Seeling, um lindo garotão que promete dilacerar corações. Parabéns ao herói papai (cinco filhos), Dr. Evaldo.*

● Quarta-feira o "Clube da Luluzinha" se reuniu ainda uma última vez. Meu caderninho azul anotou as presenças das senhoras Carmem Salinet, Celita Villanueva, Anita Vidal, Marlene Batista, Elcy Sampaio e a vovó Amália, Maria Ramos, Maria Aurélia Peres (Comandante da Guarnição de Puerto Iguazú) Dora França (revendo amigos) e Léa Leonne Vianna

● *Léa Leonne Vianna, afivelando malas para um relax, em Curitiba. Merecido, aliás.*

● E a movimentação da criançada ficou a cargo de Alexandre, que com uma linda festa, entre doces e brinquedos no dia 7, completou 5 aninhos, reunindo seus amiguinhos para o "apagar das velas". Alexandre é filho do nosso colega Aluízio(Eunice)Palmar. Parabéns da colunista e do pessoal da casa.

● *No mesmo embalo, a festinha de aniversário de Michele, filha de Moacir (Maria Luiza) Almeida, que completou 2 graciosos aninhos. Aos pais os cumprimentos da coluna.*

● Também, no último domingo, Omara Cristian (que lindo nome) completou nove primaveras, recebendo a patota em sua residência. Descontração e alegria foi o tema.

● *E para completar a lista de aniversariantes, dona Adelaide (Restaurante Country) recebeu os amigos para um gostoso churrasco. A ela que com tanto carinho prepara as iguarias dos Domingos, os votos de felicidades da turma do "Nosso Tempo". E com as nossas desculpas pelo não comparecimento, pois nesta sexta, a nossa agenda estava surper-apertada e realmente, não nos foi possível comparecer.*

● Em minhas mãos o convite para a solenidade de passagem do Comando do extinto 1° BFRON, agora 34° Batalhão de Infantaria Motorizada, sob o comando do Ten. Cel. João Guilherme da Costa Labre. Agradecida.

● *Maravilhoso estava o 1° grito de Carnaval no Wiskadão, ainda nesta sexta. Só quem compareceu pôde comprovar.*

● Agradecemos ao sr. Jair Miguel Jorge, relações-públicas da Gatti Turismo, pelo convite que nos mandou para um Cruzeiro Fluvial, a bordo do seu delicioso iate. Conte conosco.

● *Nesta sexta-feira SUPER, só chamando assim, aconteceu a inauguração no Paraguai do Completo Senzala Turístico, no antigo "Restaurante y Show Guarania". Gente, que maravilha! Fiquei encantada com o show musical boliviano. Que música! É suave, quente, penetrante, algo que vai nos deixando calados, mudo mesmo, só sentindo aqueles instrumentos tão primitivos conseguirem uma melodia tão excitante. Vocês não podem deixar de assistir. Agora, falar das mulatas, seria até covardia. Enfim, fomos muito bem recebidos. O vinho rolou à vontade. Estão de parabéns seus proprietários, Felipe Gonzales e mestre Alexandre. Desejo sucesso mesmo.*

● Anotei as presenças vips de Luiz Carlos Guimarães (Laura Cristina), Nael Marcondes Ribas (Vera Maria), do intendente de Puerto Stroessner, do representante da "Cidade Turismo", dos chefes da Aduana do Paraguai, de todo o pessoal da Imprensa de Foz e representantes das classes de turismo de Foz, Argentina e Paraguai.

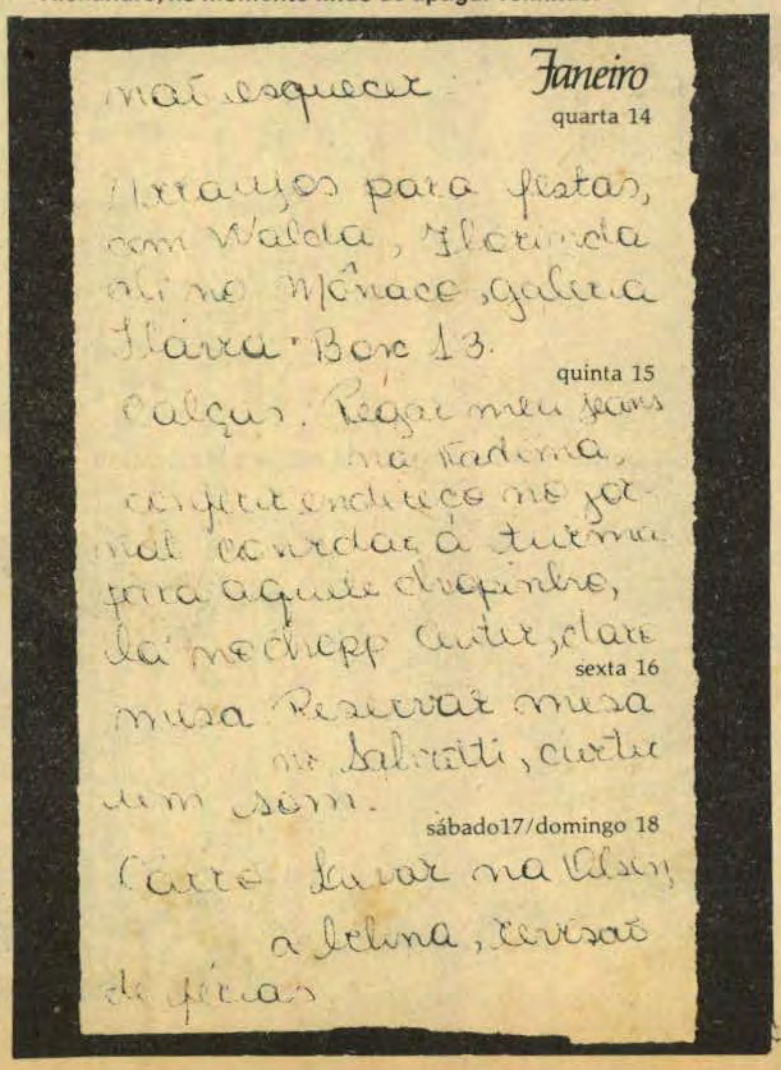
● *Bem bolado o jantar dos Madeireiros à beira da piscina do Country. Fica aí a sugestão.*

● Já vejo em frente a alguns hotéis da cidade a placa "Visitas a Itaipu". Reservas aqui. Tudo bem. Serviço organizado, ótimo. Só que, amigos responsáveis por essas visitas, a taxa cobrada é um absurdo, levando-se em conta que Itaipu está para o Brasil assim como o Museu Nacional do Ipiranga, Pão de Açúcar, Igreja do Bonfim e outras tantas obras, que fazem parte do cenário turístico do Brasil,e que deve-se cobrar apenas uma taxa de visitação. Será que até nas obras de propriedade do governo, pelas quais nós já pagamos impostos para sustentá-las, vão nos tirar a nós brasileiros o prazer de conhecê-las?

● E, como Jesus Cristo serviu o melhor viho no final da festa, faço o mesmo e acabo com um furo de reportagem.

● *A primeira entrevista concedida a esta colunista é do Comando do 34° Batalhão de Infantaria Motorizada, Ten. Cel. João Guilherme da Costa Labre.*
P — Como o senhor está vindo para Foz: alerta ou peito aberto?
R — Peito aberto.
P — Está vindo de onde?
R — Estado Maior do Exercito — Brasília.
P — Está disposto a enfrentar nosso calor, 40° graus?
R — Tranquilamente.
P — A família é grande?
R — Esposa, mais três filhos, sem contar os cachoros.
P — Os nomes?
R — Maria Helena, Luiz Guilherme, Luiz Cláudio, Tereza Cristina.
P — Futebol, amigos, preferências?
R — Sou capixaba, botafoguense, gosto de pescaria, gosto do convívio pessoal dos amigos e de fazer amigos.
P — Esse "fazer amigos" terá alguma ordem de credo, religião, etc.?
R — Amizade independente de cor, religião ou posição social. Acredito no amor à primeira vista!

Até quarta, amigos. Como vêem, o Cel. João Guilherme, bom libriano, é um charme.



E o fotógrafo do "Nosso Tempo" registra para os leitores

— Momento em que Felipe Gonzales e Ale-candre apresentaram aos convidados seu Restaurante-Show no Paraguai.

— Laura Cristina Corrêa Guimarães, cap. Guimarães e Noel Marcondes Ribas, presenças na inauguração da Senzala.

— Aspectos de concorrida inauguração da Senzala, no Paraguai.

locauto
Locadora de Automóveis Ltda.
O CARRO CERTO NA LOCADORA CERTA
Central de Reservas: Fone:(0455) 73-3497
ABERTO DAS 8 ÀS 22 HORAS
Rua Rio Branco, 345 Foz do Iguaçu - Pr.

Churrascaria bottega
Bufê americano quente e frio
30 pratos diferentes
Av. das Cataratas, 1177
Fone: 74-3384

COMPRO
Uma casa no centro de Foz, pago a vista. Tratar com Erivelton pelo fone 74-2344.

Blue Star modas
Calças
Camisas-Camisetas
Jeans: Levi's
Ellus · Starroup
Duas lojas na Almirante Barroso, 564 e 1062
Fone: 74-3438.

RUBI MÓVEIS
Móveis novos e usados a preços baixos.
Vendemos a crédito e trocamos
móveis novos por móveis usados.
Av. Paraná, 531
Fone: 73-4421 Foz do Iguaçu - Pr.

Favela da Pluma: sua gente, seus problemas e suas reclamações

Zona, favela, seita religiosa

É verdade que em Foz do Iguaçu existem casas de prostituição espalhadas por toda a parte com os mais diversos disfarces. Por trás de certos hotéis e lanchonetes escondem-se muitos exploradores do lenocínio. A Zona de Três Lagoas é apenas o grande centro não disfarçado dessa prática degradante. Antes de ir para Três Lagoas, a zona de meretrício de Foz do Iguaçu esteve em dois lugares. Nos primórdios ela estava funcionando no pior estilo um pouco à frente da atual garagem da Pluma, na saída de Foz para Cascavel, a um quilômetro do trevo da Av. República Argentina com a Av. Paraná. Daí transferiu-se para o local onde hoje está o Conjunto Habitacional "A" da Itaipu, mais precisamente onde está o Clube Floresta e arredores da sede do Banestado naquela vila residencial. Expulsa de lá por Itaipu — não se sabe por que mecanismos — a central da prostituição foi construída em Três Lagoas.

Ao se mudar para esssa última localização as casas de prostituição somente foram totalmente erradicadas da sede anterior, pois na primeira sede algumas casas sempre continuaram a funcionar como casas de prostituição perturbando os moradores das proximidades e se constituindo num eterno ponto de vergonha para Foz do Iguaçu e para os visitantes.

Hoje sobram duas ou três dessas casas nas cercanias do que se conhece como "favela da Pluma". A Pluma, evidentemente, nada tem a ver com a favela ou com a prostituição, mas tem que arcar com o vexame de ver seu nome emprestado à denominação de uma favela.

Realmente, ninguém mais suporta a existência das algazarras e imoralidades exibidas aos que chegam e aos que saem de Foz do Iguaçu num local tão próximo à cidade. A imagem exibida nesse local é simplesmente indigna de uma Turiscap. Os mais perturbados e envergonhados com essas "zonas" são os moradores das cercanias e depois todos os que se preocupam com uma imagem decente da cidade para ser exibida aos turistas. Dia e noite mulheres decrépitas, feias e seminuas promovem verdadeiros escândalos aos olhos de crianças, famílias e pessoas que passam pela estrada vindo ou saindo de Foz do Iguaçu.

Às vezes a polícia faz batidas, fecha tudo, mas no dia seguinte os inferninhos se recompõem, de modo que levam muitos à conclusão de que a polícia estaria "fazendo vistas grossas para receber propinas" e outros a acusarem o juiz de, no mínimo, estar "distraído" em relação a esse problema.

Já existe a contradição e a hipocrisia dos cidadões que aceitam um conglomerado de casas de prostituição em Três Lagoas. Então que sejam removidas para aquela zona essas casas também. A imoralidade escancarada na saída da cidade irá continuar onde quer que sejam jogadas aquelas casas, mas como a sociedade aceita desde que esteja longe de seus olhos, é melhor que as autoridades acabem de vez com essa presença desmoralizante de perto de si.

A FAVELA

Junto a essa "zoninha" existe uma respeitável favela. Parte está às margens da Av. Costa e Silva (verdadeiro nome do trecho de estrada que vai da Av. República Argentina até o trecho da BR-277). Os casebres estão construídos na faixa da DNER e ajudam a "enfeitar" aquele trecho junto com outras imundícies desse lamentável acesso a Foz do Iguaçu.

O DNER, até o momento, diz não precisar da área e que não vai perturbar aqueles favelados. Por outro lado, existem os que querem a pura e simples remoção desses favelados, o que também é uma vilência. Seria, talvez, o caso de incluir aqueles moradores num plano do tipo Profilurb — nunca desalojá-los sem dar-lhes um destino certo.

Fora da faixa da Av. Costa e Silva, sempre à direita de quem sai de Foz do Iguaçu para Cascavel, existem mais de 5 alqueires de área ocupada por uma favela de umas 80 famílias. Alguns moradores estão em condições aceitávies, mas a grande maioria está na miséria absoluta.

Os moradores compostos de brasileiros e paraguaios em proporções mais ou menos iguais, não têm escritura da propriedade. Pairam sobre eles constantes ameaças de despejo, enquanto se batem em busca do direito à propriedade comandados por Loureano Rodrigues, que está às voltas com a Justiça para fazer valer o direito ao usucapião sob a alegação de estar na área a mais de 20 anos.

Muitos já pleitearam a área — todos sem razões justas, ao menos pelo que afirmam os moradores. Contam eles que em 1977, de 16 a 23 de maio, foi empreendida uma ação em que a maioria dos moradores foi expulsa do lugar com ajuda de tropas do Exército. "Foram dias de luta, medo e tristeza", conta um morador que conseguiu resistir e que ainda continua lá. Ele relata que "quem tinha para onde ir se ajeitou em outro lugar; os outros foram simplesmente jogados no meio da rua".

Ainda não esquecidos dessa violência comandada pelo Exército, os atuais moradores afirmam não haver ninguém com título de propriedade da área e que por enquanto não estão sendo molestados por pretendentes à ocupação. Mas indicam alguns nomes que já disputaram o direito sobre os 5 alqueires: A empresa Camargo Corrêa, Santo Guilherme, um certo dentista conhecido deles como Edgar e o falecido "Mineirinho", cujo nome verdadeiro eles não lembram.

A NOVA SEITA

A favela em questão, por outro lado, conseguiu uma singular conquista. Vivendo com uma solidariedade invejável os moradores atingiram o ponto de criarem uma nova seita religiosa. Quase todos conhecem o lugar como "Favela da Pluma", mas eles o batizaram de "Santidade".

A Santidade, embora esteja satanizada pelas casas de prostituição que "estraga a comunidade", segundo o pastor Alexandre Galeano, começou a criar raízes há uns 9 anos.

Nos últimos anos surgiu Alexandre Galeano, logo transformado em pastor do que denominaram "Igreja Evangélica Congregação Cristã Povo de Deus" — nova e única, segundo o pastor. "A gente lê, estuda e gosta da Bíblia, então a gente prega", diz Galeano com seu forte sotaque paraguaio apesar de dizer-se brasileiro. Há quase dois anos conseguiu elaborar os estatutos da seita e registrá-la no Cartório de Títulos e Documentos. Ele conta isso com uma boa dose de orgulho e entusiasmo pela união conseguida entre os moradores e pela força que sente como líder da comunidade: "Quem consegue as máquinas na Prefeitura para arrumar as ruas todos os anos sou eu, porque me dou muito bem com o presidente da Câmara" — revela o pastor. Em seus planos está agora a elaboração de um abaixo-assinado pedindo ao juiz a remoção das casas de prostituiçaõ que ficam à entrada da "Santidade" e "estragam tudo" no seu entender.

Alexandre Galeano é contra a cobrança por serviços religiosos. "As colaborações são espontâneas" — assegura ele, mas acrescenta que alguns faltam às reuniões quando estão sem dinheiro por terem vergonha de não poderem dar sua contribuição. O pastor, porém, tem a convicção de que não se pode cobrar por um serviço pelo qual nem Cristo cobrava.

Galeano não tem curso de Teologia, mas considera-se à altura para conduzir os destinos religiosos da Igreja Evangélica Congregação Cristã Povo de Deus dentro da mais rigorosa fidelidade bíblica. De improviso, Galeano traça os fundamentos doutrinarios de sua Igreja:

"Aqui havia um morador que predicava, falava sobre as promessas de Deus, o recebimento do Espírito Santo. Antigamente os santos apóstolos primeiramente andavam junto com Cristo. Depois que Cristo fez a última ceia prometeu aos apóstolos respondendo a uma pergunta de Pedro: Mestre, como devemos ficar sozinhos? Cristo virou e disse a São Pedro: Não turbeis vossos corações. Crede em Deus e também em mim, porque na casa de meu pai há muitas moradas. Eu irei ao Pai e ele rogará e enviará um espírito consolador. Este vos guiará em toda a verdade e justiça. Pedro se acalmou. Ficou contente. Então Cristo mandou que os apóstolos o esperassem em Jerusalém. Aí eu virei em vós e novamente vou viver junto com vocês. Aí eles receberam o Espírito Santo. Cada um falava em várias línguas, receberam muitos poderes... Então é uma antiga religião que apareceu aqui".

Ladeada por casas de prostituição, esta favela fica às portas de entrada para a cidade.

Pastor Galeano ladeado por dois fiéis em frente ao templo da "Santidade".

Utilidade pública

O Clube dos "PX" tomou a iniciativa de ajudar a estas duas irmãs deficientes física, moradoras da Vila Paraguaia. É preciso comprar um aparelho ortopédico, que custa uns 40 mil cruzeiros, para a mulher de pernas atrofiadas. O Clube dos Operadores de Rádio Faixa do Cidadão espera colaborações. Quem puder ajudar, dirija-se ao "Chico", na Foto Avenida (pertinho do Hotel Diplomata, na Avenida Brasil). Quem agradece são as duas irmãs necessitadas.

IDENTIDADE ESTÁ AQUI

Encontramos a carteira de Identidade do Zaqueo da Costa num ônibus. O número do documento: 3.232.297-2. Está à disposição do dono aqui no Nosso Tempo.

Jornaleiros ganham prêmio

Estes são os jornaleiros que mais venderam NOSSO TEMPO no mês de dezembro: 1° lugar — Valentim Voidjinski. 2° lugar — José Voidjinski; 3° lugar — Delci da Silva; 4° lugar — Vanderlei dos Santos.

Ganharam bolas de futebol adquiridas no Palácio dos Esportes I.

PALÁCIO DOS ESPORTES I
TOPPER — ADIDAS — HERING — PEROLA — RAINHA
Chuteiras — Agasalhos Esportivos — Tênis — Bolas
Guarda roupa esportivo para toda a família
Rua Jorge Samways, 460 — Foz do Igauçu — Paraná
Tel: 74-1232

O crime no Brasil assume os contornos de uma autêntica guerra civil

MÃOS AO ALTO!

A OPINIÃO DE JUVÊNCIO MAZZAROLLO

As classes ricas e dominantes abriram uma cova e estão caindo dentro dela. A minoria de canalhas que tomou para si tudo o que o Brasil é, possui e produz, pensou estar construindo uma nação rica, mas o que conseguiu foi a instalação de um autêntico inferno social. A safadeza que marcou a escala da classe privilegiada para o fantástico enriquecimento vazou para as ruas formando os caos. A diferença entre a safadeza dos ricos e a que se espalhou entre a população está em que esta última pouco ou nada tem a conseguir, pois tudo está tomado pelos ricos.

Os ladrões de grande calibre, os assassinos de marca maior, os criminosos de todas as marcas estão no poder. O controle político e econômico do país está nas mãos de bandidos que roubam escancaradamente de forma por eles mesmos legalizada. Paralela a essa depravação, instalou-se na sociedade explorada uma total anarquia, uma deprimente, horrorosa e incontrolável escalada do crime.

A primeira edição de 1981 da revista Veja dedicou sua matéria de capa ao crime. Os dados que a revista vomita ao público são suficientes para envergonhar a mais atrasada republiqueta do mundo. Aí esbarram os brios patrióticos de um país que tenta encontrar razões para se ufanar colocando-se acima do que há de pior no mundo subdesenvolvido, sem conseguir.

Os brasileiros, que gostam de ostentar infantilmente as maiores coisas do mundo, têm agora um recorde à altura de seu orgulho estúpido: o maior índice de criminalidade da face da terra.

O crime no Brasil assume os contornos de uma autêntica guerra civil. O número e a qualidade dos crimes acontecidos no ano de 80 vão sugerir a algum futuro estudioso da história que o Brasil esteve realmente em guerra nestes últimos tempos. E esteve. E assim continuará — não sendo possível saber até quando.

"É triste constatar que, a dezenove anos de distância do século XXI, o país se encontre, em matéria de crime e violência, num ponto pior do que já esteve — uma brutal, desmoralizante escalada de homicídios, assaltos e todo tipo de delitos violentos". É a lamúria da "Carta ao Leitor", do nº 644 da revista Veja.

As mais notórias podridões sociais de todos os tempos e lugares estão se curvando ante a fertilidade com que o crime prolifera no Brasil, especialmente nas grandes cidades. O Rio de Janeiro e São Paulo disputam entre si mais esta supremacia ao par da econômica, política cultural. A Baixada Fluminense foi, inclusive, guindada pela ONU ao título de "região mais violenta do mundo".

O pior é que, aos poucos, a sociedade brasileira está obrigada a encarar uma realidade ainda mais triste: Os índices fantásticos de criminalidade já não são exclusividade das grandes metrópoles; eles progressivamente vão fazendo parte da vida das mais folclóricas povoações do interior. Foz do Iguaçu, por exemplo, sofreu 164 mortes violentas, criminosas, em 1980, contando-se somente as registradas pelos órgãos policiais. Se fosse feita uma estatística rigorosa de todo o tipo de crimes acontecidos neste município durante o ano que passou, os dados envergonhariam o mais orgulhoso dos entusiastas do progresso aqui existente.

Todos sabem quem assalta e quem é assaltado. Só pode ser assaltado quem tem, principalmente quem tem mais. As classes altas já não encontram métodos de segurança para seus bens e para suas vidas. No Rio de Janeiro, uma em cada duas pessoas da classe "A" foram vítimas de algum tipo de violência nos últimos dois anos. Belíssimo recorde! Acima de tudo, merecido.

A desenvoltura com que operam os marginais no Brasil é perfeitamente compatível com o tipo de sociedade aqui formada. Poucos conseguem admitir isso, mas a verdade é que a violência generalizada é a resposta inevitável para qualquer sociedade tão desigual como a brasileira.

Os ricos, defendidos e incentivados em suas roubalheiras pelo governo imoral e corrupto dos militares, apenas agora estão entrando em pânico por não saberem como defender as posses conseguidas desonestamente e assegurar a tranquilidade de suas garantias pessoais.

Ninguém pode refutar a tese de que a violência, a corrupção, a desonestidade foi ensinada ao povo pelo regime despótico dos anos pós-64. Tudo começou com a repressão política desencadeada pelos militares para se defenderem no poder e assim assegurarem a devastação do país e do povo por uma corja de assaltantes engravatados, sejam eles brasileiros ou representantes do imperialismo.

A lei foi definitivamente desmoralizada pelos que teriam o dever de fazê-la respeitar e cumprir. O comportamento dos organismos encarregados da segurança é vergonhoso ao ponto de se confundir com o comportamento dos que fazem da desobediência às leis seu meio de vida.

A insegurança é total. E isso é cômico quando se sabe que foi com a palavra "segurança" que os golpistas de 64 encheram a boca. A população que rouba, que mata, está apenas tentando o último recurso para tomar a si o que lhe foi usurpado por uma política econômica exploradora, opressiva. As tempestades de hoje foram armazenadas pelos ventos da prepotência e do egoísmo dos poucos beneficiados pela criminosa condução dos destinos da nação nestes 17 anos de total falta de ética e humanismo do regime militar.

Hoje não existem mais portas nem fechaduras, nem muralhas capazes de deter a sanha dos assaltantes. A polícia, além de corrompida, é irremediavelmente ineficaz. A incompetência, a falta de confiabilidade merecida pelos organismos policiais está abrindo a oportunidade ao surgimento de um exército paralelo na vida brasileira. Proliferam no país os serviços de guarda particulares para defender empresas, casas e pessoas. É mais um negócio lucrativo com um mérito respeitável, o de ser um pouco mais eficiente do que o combalido aparato de policiamento oficial.

É deprimente. O estado perdeu para os criminosos o controle das cidades. A gravidade da situação precisa ser avaliada com realismo. Ela dá a medida exata do catáter injusto e desumano dos rumos traçados à força para o país.

O mais difícil em tudo isso não é buscar métodos de repressão pura e simples. Sabe-se que nem é aí que reside a solução. Se a eliminação do crime dependesse da repressão, os países da América do Sul deveriam estar raiando à santidade, tamanha foi a abundância repressiva nas últimas duas décadas nesta infeliz região do globo terrestre.

Nem é preciso escrever ou falar sobre a criminalidade para o povo saber o grau crítico em que está o país nesse campo. Basta sair à rua ou deixar uma casa sem ninguém dentro durante um ou dois dias para que a violência atinja o cidadão em sua própria carne. É uma situação que não ajuda ninguém. É o mais lamentável. A conduta criminosa é para o marginal, tão ou mais incômoda para ele mesmo que a sobressaltada conduta das vítimas do crime.

Trata-se de um problema digno da preocupação da sociedade inteira. O começo da solução está no convencimento de que ela existe. Mas ela não está em qualquer fórmula. Ela está muito longe, bem fora do sistema vigente. Com os bois que o país tem puxando seu carretão e seu arado é impossível esperar da terra bons frutos.

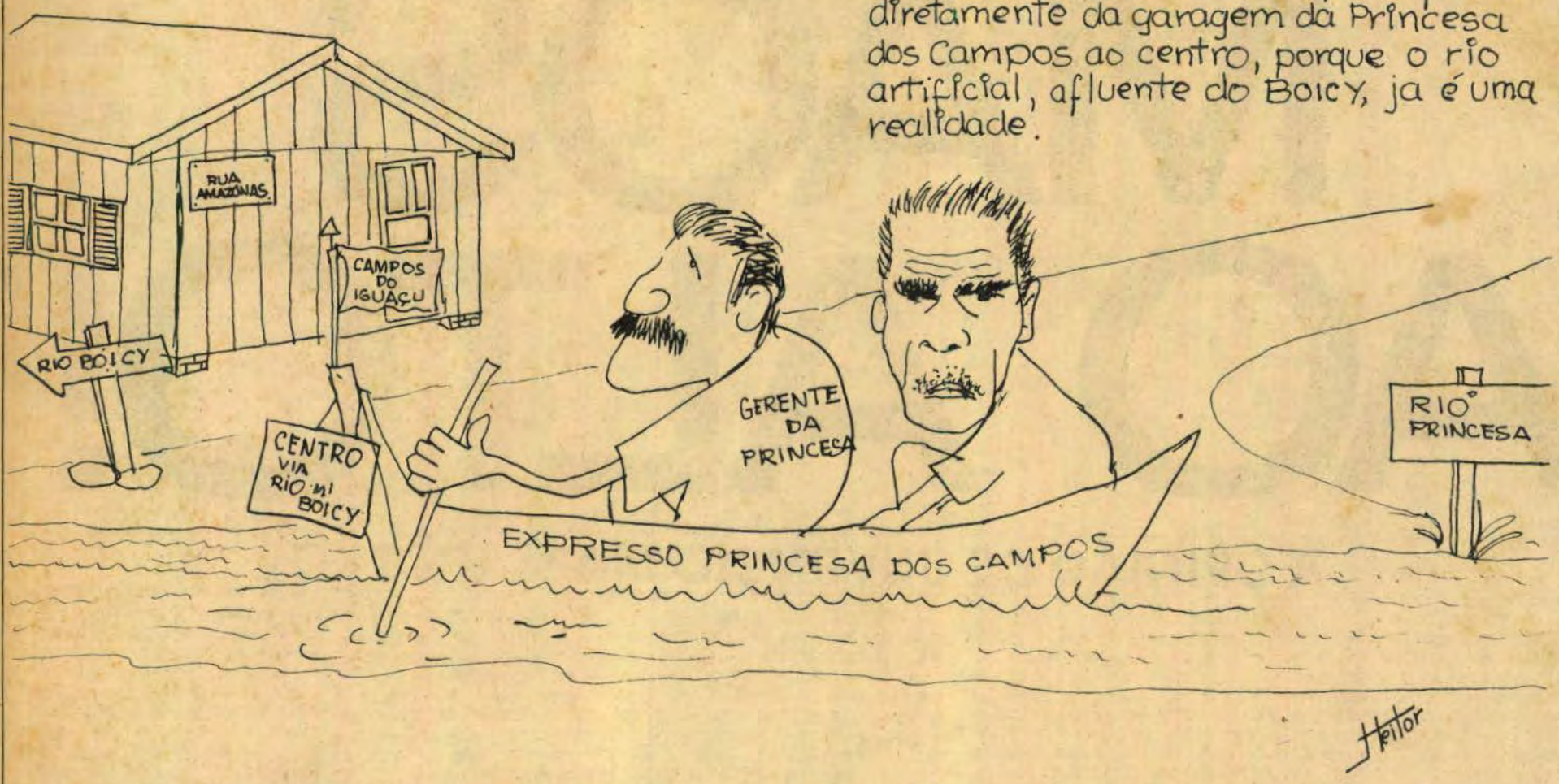
LOTEADORA DOTTO LTDA

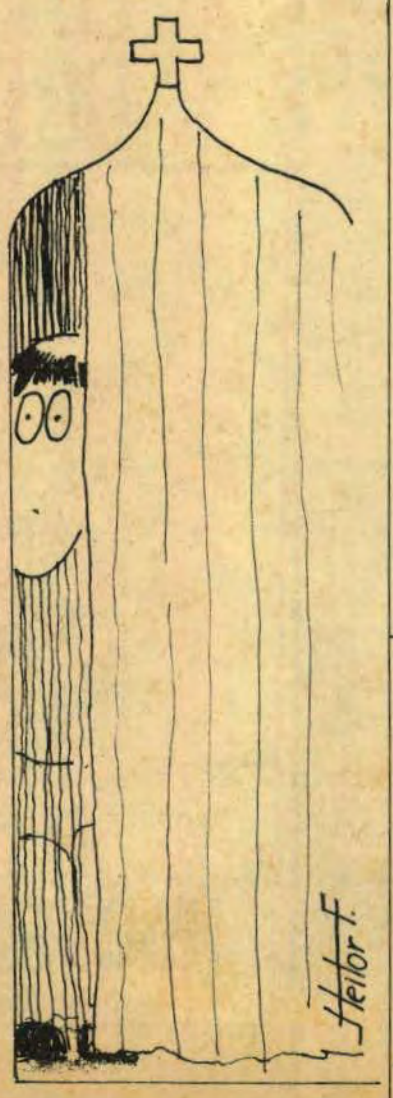
O MELHOR IMÓVEL DA CIDADE

Av. Juscelino Kubitschek, 1295

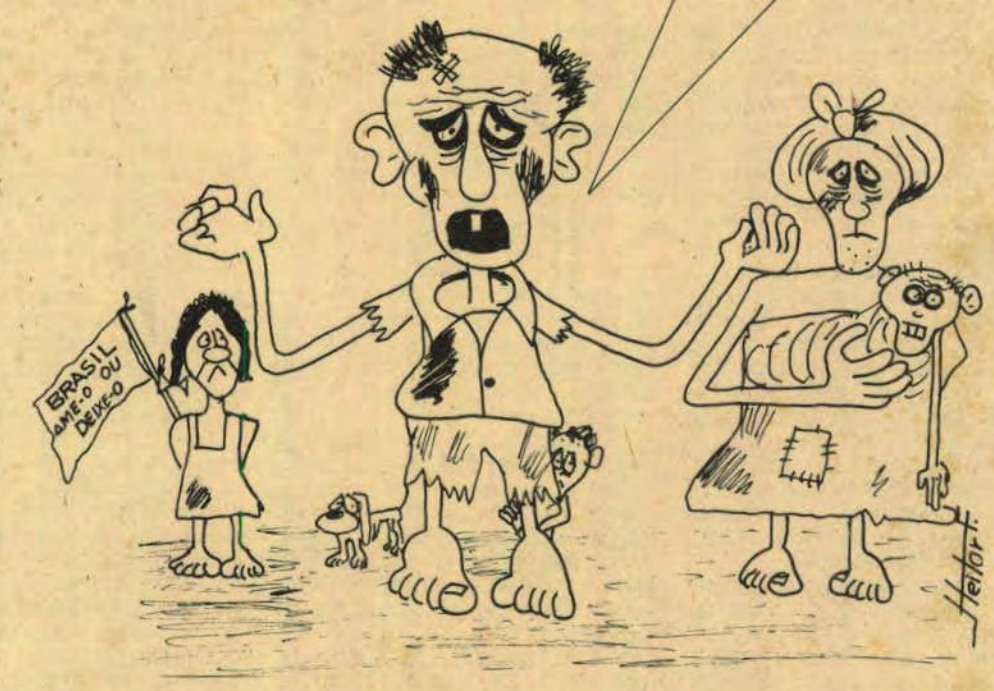
Heitor

Nò bairro Campos do Iguaçu o povo está na expectativa de brevemente surgir uma linha de transporte fluvial diretamente da garagem da Princesa dos Campos ao centro, porque o rio artificial, afluente do Boicy, ja é uma realidade.





QUEREMOS DAR AQUELE ABRAÇO E DESEJ
UM FELIZ ANO NOVO AOS
NOSSOS QUERIDOS GOVERNANTES



Nosso tempo

Foz, 14/01/81 — Nº6 — Ano I